

## 1ª SEMANA DE APROXIMAÇÃO COM PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA (SAPE)

Jucirema Quinteiro<sup>1</sup>

Maria Eliza Chierighini Pimentel<sup>2</sup>

Gisele Gonçalves<sup>3</sup>

Daniela Regina de Macedo<sup>4</sup>/Giselli de Oliveira da Silveira<sup>5</sup>

Gustavo Tanus Martins<sup>6</sup>/Kézia Terezinha dos Santos<sup>7</sup>/

Mariana Carreira Oliveira<sup>8</sup>/Nina Bernal Balconi<sup>9</sup>



<sup>1</sup> Professora doutora no Programa de Pós-graduação em Educação – Linha Educação e Infância – da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Educação e Escola e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: [jquinteiro@ig.com](mailto:jquinteiro@ig.com)

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação – Linha Educação e Infância – da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ex-bolsista Pibid-Pedagogia e colaboradora do Programa. E-mail: [mariapimentel89@hotmail.com](mailto:mariapimentel89@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação – Linha Educação e Infância – da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ex-bolsista Pibid-Pedagogia e colaboradora do Programa. E-mail: [elegison@gmail.com](mailto:elegison@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante da terceira fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [danimacedo@hotmail.com](mailto:danimacedo@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante da terceira fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [gisellioliveira2@hotmail.com](mailto:gisellioliveira2@hotmail.com)

<sup>6</sup> Mestrando em Educação na linha de pesquisa Filosofia da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Discente do curso de Pedagogia pela mesma Universidade. E-mail: [gunaturologia@gmail.com](mailto:gunaturologia@gmail.com)

<sup>7</sup> Estudante da terceira fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [kezia.santos@bol.com.br](mailto:kezia.santos@bol.com.br)

<sup>8</sup> Estudante da terceira fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [mari\\_c.o@hotmail.com](mailto:mari_c.o@hotmail.com)

<sup>9</sup> Estudante da terceira fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [ninabalconi@hotmail.com](mailto:ninabalconi@hotmail.com)

A *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola (SAPE)*, publicada no último número desta Revista *EntreVer*, pode ser avaliada como uma experiência pedagógica exitosa no âmbito do PIBID-Pedagogia/UFSC. Tal atividade se caracteriza como uma aproximação entre a universidade e a escola pública pelo exercício da participação e da iniciação à docência, a partir do redimensionamento do sentido tradicionalmente atribuído à prática de ensino com o qual tenta-se evitar o reducionismo destas atividades a uma dimensão meramente instrumental vinculada somente ao como fazer. A 1ª SAPE deixou registros escritos em forma de ensaios que, neste semestre, estão sendo retomados junto aos mesmos estudantes, que agora já estão na sexta fase do curso, na disciplina Língua Portuguesa e Ensino, ministrada pela professora Lilane Maria de Moura Chagas. Há uma unanimidade entre os sujeitos envolvidos neste processo com relação ao sucesso e a importância desta experiência para a formação docente etc. A percepção mais centrada nas possibilidades do que nos limites ainda está presente no imaginário, e mobilizam os estudantes a continuarem discutindo e debatendo os impactos da SAPE.

A experiência mostrou para professores e estudantes, para a universidade e a escola, as possibilidades reais desta última como coformadora, mesmo reconhecendo, em rodada de avaliação final, que os professores dos anos iniciais não participaram como previsto e desejado. Por outro lado, é preciso considerar que os estudantes universitários encontram-se matriculados na terceira fase do curso e desde o início manifestaram a necessidade e o desejo de estabelecer esta aproximação com a realidade escolar. É importante esclarecer ainda que a 1ª SAPE foi uma ideia discutida e planejada num curto período de tempo e envolveu mais de duas centenas de estudantes e professores.

Por ter sido uma atividade bem avaliada por todos os sujeitos envolvidos com o projeto, publicamos alguns ensaios escritos pelos estudantes ao final da 1ª SAPE. Estes ensaios constituíram-se no trabalho final de todas as disciplinas e foram avaliados por todos os professores desta fase (Ademir Valdir Dos Santos, Fábila Liliã Luciano, Gilson Luis Voloski, Heloiza Helena de Jesus Barbosa, Lilane Maria de Moura Chagas, Mauro Tilton e Jucirema Quinteiro). São ensaios-resultados de um outro ensaio de aproximação, desde

o próprio exercício da escrita acadêmica, realizado pelos estudantes universitários, até uma escrita atravessada pela emoção das descobertas no âmbito das relações entre educação, infância, criança, escola e participação. Certamente, há conflitos e limites, mas estes não foram mais impactantes que as possibilidades imensas de a escola vir a respeitar "o direito à infância" em todos os sentidos, legal, moral, ético e formativo. O cotidiano escolar nem sempre se apresenta como incentivador da formação docente, mas o conjunto da experiência impactou a formação chamando a atenção para o caráter complexo e instigante do exercício e da profissão docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Por todas estas razões, publicamos 6 dos 55 ensaios escritos pelos estudantes ao final da 1ª SAPE. Agradecemos a colaboração de todos os envolvidos, especialmente os professores Ademir e Mauro, no processo final de revisão junto aos autores dos ensaios elencados abaixo:

1. Daniela Regina de Macedo – “Vivência acerca da 1ª SAPE”
2. Giseli de Oliveira da Silveira – “Uma história muito doce”
3. Gustavo Tanus Martins – “Malabares, confecção e jogo”
4. Kézia Terezinha dos Santos – “A participação na escola como processo de ensino e aprendizagem da linguagem”
5. Mariana Carreira Oliveira – “História com Fantoques”
6. Nina Bernal Balconi – “ E o circo vai à escola!”

## VIVÊNCIAS ACERCA DA 1ª SEMANA DE APROXIMAÇÃO COM PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA (SAPE)

**Daniela Regina de Macedo**

O homem para se tornar homem necessita viver em sociedade, para transmitir a cultura “[...] tipo de conhecimento que uma dada situação histórica e social requer como necessária que seja produzida/transmitido” (CARDOSO, 2004, p. 109). Desta forma, a relação do homem com o mundo é uma relação mediada, pois as atividades psicológicas (superiores) desenvolvem-se a partir do convívio social com outros homens. Na atualidade, na forma de organização social vigente, torna-se necessário que a criança frequente a escola para internalizar a cultura, os conhecimentos científicos que a sociedade já construiu, mas é importante destacar que a escola não é a única instituição social que cumpre a função reprodutora da sociedade: a família, os grupos sociais, os meios de comunicação também repassam a cultura. À educação cumpre o papel de socialização.

Neste sentido, Saviani (1980, p. 120) conceitua a educação como “uma atividade mediadora no seio de uma prática social global”. Cabe ressaltar que as crianças que vão para o meio escolar são crianças socialmente determinadas em um contexto de classes sociais antagônicas. Logo, de acordo com Cardoso (2004), é possível pensar a educação como uma:

[...] prática social determinada, definida social e historicamente no âmbito de uma forma particular e específica de organização da sociedade. Análises fecundas da educação reclamam sua inserção como parte que é determinada, e parte que é estratégica para a produção/reprodução desta organização social. (CARDOSO, 2004, p. 109).

A escola tem a função de humanizar, formar sujeitos críticos capazes de pensar, preparar para o meio social, desenvolver a capacidade cognitiva, transmitir conhecimento científico, formar o cidadão apto a intervir na vida pública. Todavia, se perante a esfera política todas as pessoas têm os mesmos direitos, economicamente elas não são iguais.

[...] a escola encontra-se frente a demandas inclusive contraditórias no processo de socialização das futuras gerações. Deve provocar o desenvolvimento de conhecimentos, idéias, atitudes e pautas de comportamento que permitam a incorporação eficaz no mundo civil, no âmbito da liberdade e responsabilidade na esfera da vida familiar. Características bem diferentes daquelas que requer sua incorporação submissa e disciplinada, para a maioria, no mundo do trabalho assalariado. (GOMES, 2000, p. 15).

Com a *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola* pudemos identificar, na realidade escolar, o que até então vimos na teoria: toda criança tem o direito de frequentar o ambiente escolar, ter acesso à educação, mas muitas crianças, para chegarem até a escola, enfrentam inúmeras dificuldades.

Percebemos que na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito existe um grande contraste social, crianças de diferentes classes sociais. Observamos que a escola não é igual para todas as crianças e que cada uma chega à escola com uma bagagem cultural diferente. Os estudantes não são iguais, cada criança é um sujeito único que traz consigo, para dentro da escola, sua realidade econômica, política e social. Muitas delas já vivenciam, no ambiente familiar, social, práticas de acesso à cultura, acesso ao teatro, aos livros, à literatura, às informações (capital cultural) que outras crianças só terão possibilidade de acesso na escola e não da mesma forma e com a mesma intensidade.

A escola deve estar preparada para desenvolver atividades e enfrentar essas diferenças dentro da sala de aula, trabalhando, com cada estudante, sua pluralidade, uma ação pedagógica que veja desde a situação real da criança, uma educação formadora.

Como a escola promove a justiça social? Justiça social significa o provimento das condições para que todos os alunos se apropriem dos saberes produzidos historicamente junto com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos. Ao cumprir sua tarefa básica de planejar e orientar a atividade de aprendizagem dos alunos, a escola se torna uma das mais importantes instâncias de democratização social e de promoção da inclusão social (LIBÂNEO, 2009, p. 8).

A chegada dos estudantes do curso de Pedagogia na Escola foi carregada de muita ansiedade, pois não sabíamos o que nos esperava. Eu

estava ansiosa para conhecer as crianças, era o momento de colocar os pés na Escola pela primeira vez, sendo chamada de professora e tendo a responsabilidade de ser vista como tal.

Com a realização da *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola* (SAPE) pude ter as primeiras aproximações com a realidade educacional e escolar por meio da oficina “Uma história muito doce”, podendo perceber, na prática, que a escola é o espaço para a participação social das crianças, as quais são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, para que as crianças possam tornar-se sujeitos de direitos a escola deve ser vista como lugar privilegiado para a construção do conhecimento.

O papel do professor no âmbito escolar é ensinar os conhecimentos científicos e socialmente elaborados, conhecimentos típicos da escola para humanizar os homens, como afirma Saviani:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente pelo conjunto dos homens. (SAVIANI, 1995, p. 17).

A 1ª SAPE evidenciou diferentes maneiras de trabalhar com a linguagem, com o ler e o escrever. Nós, acadêmicas e acadêmicos do curso de Pedagogia, fomos mediadores entre as crianças e o processo de estudo da leitura e da escrita, desenvolvendo atividades pedagógicas que contemplassem a aproximação dos estudantes dos anos iniciais com o mundo da leitura e escrita. Trabalhando com a imaginação, a criatividade das crianças, mostrando a elas que se pode aprender de diferentes formas, e que elas também podem nos ensinar muito, num processo de ensino-aprendizagem onde o estudante tem voz. Nessa relação, as crianças aprenderam com o que levamos para a escola, mas também nos ensinaram com suas palavras, gestos e carinhos.

A criança aprende quando é sujeito ativo no processo de conhecimento e a 1ª SAPE proporcionou, a todo o momento, isso: que as crianças fossem sujeitos ativos, criando, imaginando.

Nossa oficina começou com uma dinâmica para apresentação dos nomes de cada um para todos do grupo. Posteriormente, produzimos com as crianças os crachás. Dando continuidade, passamos à contação de história “Formiga Aurélia”, do livro *A Formiga Aurélia e Outros Jeitos de Ver o Mundo*,

de autoria de Regina Machado. Na história, a formiga Aurélia tenta descobrir o que seria o chão branco e os traços, rabiscos, e qual era o ser que comandava o graveto em pé.

No final da história, uma de nós perguntou quem dentre as crianças sabia o que era o graveto em pé, e um estudante respondeu que era um lápis. Com sua resposta, falamos a respeito da escrita, para o que ela serve e como surgiu, mostrando-lhes a função social da escrita. Quando novamente uma de nós perguntou se alguém sabia o que eram os rabiscos, outro estudante disse que era “uma linha de expressão”. Interessante observar que este estudante está no primeiro ano, não reconhece as letras e ainda está se apropriando da leitura e da escrita.

A oficina “Uma História Muito Doce” teve como proposta, nesse sentido, despertar de maneira diferente a vontade e a necessidade das crianças pela leitura e pela escrita. Após a contação da história e a conversa que tivemos com as crianças a respeito da escrita, nós as convidamos para serem autoras de uma história própria, e fizemos a seguinte pergunta: Vocês gostariam de serem autores de um livro?

Todos ficaram felizes com a ideia e aceitaram a proposta, mostraram interesse em falar, em colocar os seus pensamentos na atividade, dar ideias para a história. O primeiro passo para a construção coletiva da história foi a escolha do nome. As crianças sugeriram alguns nomes, e no quadro realizamos uma votação: o nome “Alice” ganhou. Assim, as crianças começaram a falar o que queriam que acontecesse na história, e uma de nós foi a escriba da sequência da história.

Quando terminamos de escrever, explicamos para as crianças que o livro poderia ter ilustrações, e propusemos que o grupo desenhasse. Todos ficaram animados, desenharam à vontade o que queriam expressar a respeito da história. O resultado dos desenhos foi muito bom, e para cada parte da história foi produzido um desenho.

No momento em que foi proposto o desenho, achamos que as crianças logo se dispersariam, e fariam o desenho bem rápido para poderem ir brincar. Porém, a reação delas não foi de dispersão e sim de atenção durante toda a atividade: questionaram sobre o desenho, falaram o que iam desenhar, se

empenharam, algumas crianças chegaram a fazer mais de um desenho, pintaram, permanecendo concentradas por mais de uma hora.

Vale ressaltar que, para a realização desta atividade, dispusemos de vários materiais: lápis de cor, giz de cera, canetas hidrocor. O resultado final foi muito bom, com desenhos ricos em detalhes, que deram vida à história que as próprias crianças criaram: desenharam os personagens, o formigueiro, a mansão, a vida das formigas e a formiga Alice.

Quando fomos montar o livro, as crianças perceberam que era um livro diferente: era um livro com a capa grande e isso os animou mais ainda. Separamos, junto com as crianças, a ordem dos desenhos, para que cada um fosse colocado na sequência da história, e assim as crianças puderam escolher em qual parte da folha colar o desenho.

Ao socializarem e colarem os desenhos no livro, as crianças mostravam uma para a outra, com orgulho, o seu desenho, que estava ali fazendo parte do livro. Em seguida, depois dos desenhos terem sido colados, fomos escrevas da história nos espaços que sobraram. Quando finalizamos o livro, todas as crianças assinaram na contra capa, e explicamos que a assinatura significava que elas eram as autoras do livro *Alice e seus amigos felizes*.

A quarta-feira iniciou com uma aula explicativa e científica sobre as formigas. Foram levados para a sala cartazes com imagens que deixaram a aula ainda mais instigante para as crianças. No primeiro momento, ficamos preocupadas com o tipo de atividade, pois as crianças poderiam não se interessar pela explicação e a aula poderia se tornar maçante e cansativa, porém, nos surpreendemos, pois a aula não virou um monólogo, como pensávamos que poderia acontecer. As crianças se interessaram pelo assunto e, durante toda a explicação, ficaram atentas; foi um grande debate. Um estudante trouxe uma comparação com a aranha, que também mata a aranha macho quando “casa”. Outro estudante fez uma intervenção sobre a fala do primeiro dizendo que “a aranha que mata é a viúva negra e ela acasala, e não casa”.

A explicação foi se desenvolvendo e a todo o momento as crianças queriam perguntar, falar de vivências com formigas. As perguntas mais comuns, durante a explicação científica, foram a respeito da formiga rainha, as crianças tinham muitas perguntas sobre ela, tais como: “Como que tem rainha

e não tem rei?"; "O que é acasalar?"; "O que é fungo?"; "O que é pupa?"; "Por que só a rainha engravida?".

Curiosas a respeito da rainha, as crianças queriam saber o que acontece com o formigueiro quando ela morre. Questionaram como é que a operária fica no lugar da rainha se ela não tem asa.

A aula explicativa foi rica e produtiva, as crianças souberam aproveitar o tempo para colocar as dúvidas e curiosidades, souberam escutar, respeitar o próximo quando o colega estava perguntando ou falando.

A atividade seguinte foi a realização de uma receita de doce que até então não tinha nome. Levamos a receita num cartaz para as crianças terem contato com a escrita, dissemos que ela ainda não tinha nome e que depois de produzirmos e comermos o doce iríamos escolher um. Para as crianças, esta foi a melhor parte da oficina: ir ao refeitório fazer os doces e comer. Aproveitamos para falar sobre a higiene que devemos ter ao manusear os alimentos, lavamos as mãos, usamos, com as crianças, luvas, toucas e aventais.

Uma de nós tomou à frente da atividade para explicar para as crianças o "passo a passo" da receita, todas queriam ficar perto. A receita teve a ajuda de todas as crianças, que mexeram a massa com a colher enquanto ainda só estavam os ingredientes em pó; foi colocado o leite de coco, em seguida elas puderam mexer a massa até chegar ao ponto. Enrolaram e colocaram nas forminhas, mas o que realmente elas queriam era comer os doces.

Quando as crianças estavam fazendo o doce, muitas falaram que queriam fazer em casa, então, quando voltaram do recreio, fomos para a sala de aula e propusemos que copiassem a receita do doce. As crianças nomearam o doce como Bolinha de Chocolate. Explicamos que, por meio da escrita, é possível registrar a receita do doce e que desta forma elas poderiam reproduzir em casa com seus familiares, dando, assim, uma função para a escrita que estava no quadro. A parte de registrar a receita foi a mais cansativa da oficina, pois algumas crianças ainda não sabiam ler e escrever, e quem conseguiu fazê-lo, quando terminou, estava cansado de esperar os outros terminarem. Um estudante ficou muito contente após descobrir que o que ele tinha copiado era a receita do doce que tínhamos acabado de fazer com eles.

Algumas crianças conseguiram copiar com facilidade a receita, outras necessitaram de ajuda. Foi interessante termos estudantes das três séries iniciais, com diferentes idades, juntos, assim, quando os que sabiam escrever terminaram foram ajudar os que ainda não tinham terminado ou que estavam com dificuldades. Houve, portanto, mediação pedagógica entre os próprios estudantes, ou seja, um tentando ajudar o outro.

Finalizamos a tarde com uma roda de conversa para saber o que as crianças acharam destes dias vividos na 1ª SAPE. Uma criança disse: “Tá tão legal essa semana que eu queria que ainda fosse segunda.” A tarde chegou ao fim, era hora de ir embora e já tínhamos o sentimento de saudades de estar na sala com as crianças.

A quinta-feira foi o dia de expor os trabalhos para todos que participaram da 1ª SAPE, desse modo pudemos também prestigiar os trabalhos feitos pelas outras equipes. Foi muito bom ver os trabalhos concluídos, tudo o que foi planejado em sala de aula estava lá na exposição, concreto, realizado. Finalizamos a 1ª SAPE na sexta-feira com uma grande festa junina, um farto lanche coletivo, feito com comidas típicas, foi servido; os pais e familiares foram convidados para a festa. Muitos familiares foram à exposição ver os trabalhos realizados durante a Semana. As festividades seguiram no alto, na quadra da Escola, onde tivemos danças, músicas, brincadeiras, a quadrinha, que envolveu muitas pessoas, possibilitando, assim, finalizar a tarde e a 1ª SAPE com muito amor, alegria, união e sensação de missão cumprida.

Com a 1ª SAPE pudemos desenvolver atividades que estão presentes tradicionalmente na Educação Infantil, esquecidas pelo Ensino Fundamental, como pintar, desenhar, imaginar, dançar usando o movimento corporal. Muitas vezes, essas atividades não são propostas para as crianças porque são vistas como desnecessárias, ministrando-se somente conteúdos curriculares.

[...] se queremos que nossas crianças leiam e escrevam bem e se tornem verdadeiras leitoras e produtoras de texto – o que, de fato, é uma meta importantíssima do nosso trabalho como professores —, é necessário que trabalhem profundamente o desejo e o exercício da expressão por meio de diferentes linguagens: a expressão oral por meio de relatos, poemas e músicas, o desenho, a pintura, a colagem, o faz-de-conta, o teatro de fantoches, a construção com retalhos de madeira, com caixas de papelão, a modelagem com papel, massa de modelar, argila, enfim, que as crianças experimentem os materiais

disponíveis que a escola e a educadora têm como responsabilidade ampliar e diversificar sempre (MELLO, 2006, p.189).

Faz-se necessário que a criança saiba o que está fazendo e para que está fazendo. Nesse sentido, a Escola teve cuidado em conversar com as crianças e divulgar entre elas, os familiares e a comunidade escolar o que aconteceria na Escola ao longo daquela Semana, despertando, principalmente, a curiosidade das crianças em descobrirem o que seria a 1ª SAPE, atribuindo um sentido para elas.

O que proporcionamos para os estudantes foi uma pequena intervenção no processo de internalização do saber, da leitura e da escrita. Não podemos nos esquecer de que estivemos na Escola somente durante uma semana e que a Escola não é apenas o que vimos.

Foi muito gratificante ser reconhecida como professora, muito mais ainda perceber que no decorrer de uma semana pudemos praticar a docência pela primeira vez de uma forma acolhedora, organizada. Desde o período em que fomos à Escola buscar materiais até no último dia da 1ª SAPE fomos muito bem recebidos pela Escola. Tivemos apoio de muitas pessoas para a organização da Semana e sabemos que não é fácil organizar um evento com a dimensão da 1ª SAPE, que transformou e mobilizou tanto os professores, estudantes universitários, crianças e a comunidade escolar. Os vínculos entre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e a Escola foi fundamental para o sucesso desta semana.

Não há futuro por vir, mas somente a história que conseguimos construir com nossos projetos e nossas lutas face aos demais projetos, sempre sob as condições concretas que compõem a realidade social. (BOURDIEU apud CARDOSO, 2004, p 122).

A 1ª SAPE mostrou que alfabetizar é uma tarefa que exige muitos estudos e experiências. Em alguns momentos, quando as crianças estavam copiando a receita e tiveram dificuldades, tive dúvidas quanto ao modo de ajudá-las. Sem saber como agir, me senti despreparada para alfabetizar, até porque não tivemos ainda essa disciplina no curso da Pedagogia. Nesse momento, senti a falta da professora da Escola Beatriz para me auxiliar.

Os objetivos da nossa oficina foram todos contemplados, todas as atividades pensadas para desenvolver a leitura e escrita foram realizadas com sucesso, e o tempo foi suficiente para realizá-las.

Foi muito gratificante, como estudante da graduação no curso de Pedagogia, poder participar de uma aproximação com a realidade escolar. Tudo é válido para a nossa formação pedagógica, e a SAPE foi além do que pude descrever. A SAPE foi troca de conhecimento, foram vidas e sonhos envolvidos, foi educação para além da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Miriam L. Questões sobre educação. In: GOULART, Cecília. (org). **Dimensões e Horizontes da Educação no Brasil**. Ensaios em homenagem a Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero. Niterói: EdUFF, 2004. p. 107-125.

LIBÂNEO, José Carlos. **A didática e as exigências do processo de escolarização**: formação cultural e científica e demandas das práticas socioculturais. In: Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE), III. **Anais....** Anápolis, GO. 2009. Disponível em: <[http://www.ceped.ueg.br/ocs20/dociiiedipe/texto\\_libaneo\\_iiiedipe.pdf](http://www.ceped.ueg.br/ocs20/dociiiedipe/texto_libaneo_iiiedipe.pdf)> Acesso em: 3 Maio 2013

MACHADO, Regina. A formiga Aurélia. In: \_\_\_\_\_. **A formiga Aurélia e os outros jeitos de ver o mundo**. Ilust. Angela Lago. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1988.

MELLO, Suely A. A aproximação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: [MILLER, Stela](#); [MENDONÇA, Sueli G. de Lima](#) (orgs). **Vigotski e a Escola Atual**: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 181-192.

PEREZ GOMÉZ, Angel I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. GIMENO SACRISTÁN, José; PEREZ GOMÉZ, Angel I. (orgs). **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do Senso Comum à Consciência Filosófica. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. 5.** Campinas: Autores Associados, 1995. (Coleção polêmicas de nosso tempo, v. 40).

## UMA HISTÓRIA MUITO DOCE

**Giselli de Oliveira da Silveira**

A *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola (SAPE)* demandou a organização dos seguintes sujeitos envolvidos: corpo docente e estudantes dos anos iniciais da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito e os professores e acadêmicos da 3ª fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foram cinco dias de atividades na Escola, com planejamento pelos estudantes da terceira fase e seus professores, minimizando anseios, temores e dúvidas e o próprio compromisso e seriedade dos estudantes de Pedagogia.

Ressalta-se a colaboração e o perceptível entusiasmo dos funcionários da referida Escola, entre os quais destaco os responsáveis pela limpeza, cozinha, zeladoria e depósito de materiais, ao demonstrarem total apoio e disposição ao prestar ajuda aos acadêmicos quando necessário. Alguns, mesmo quando não estavam em seu horário de trabalho, não mediram esforços a fim de que pudessem organizar a Semana, sobretudo, no segundo dia.

Antes do início do evento, os acadêmicos de Pedagogia foram divididos em doze grupos, cada grupo deu origem a uma oficina, com atividades diversas, porém com o mesmo objetivo, iniciar a docência mediante o incentivo a leitura junto às crianças. O grupo III, intitulado “Uma História Muito Doce”, cujas autoras, Bárbara da Silva, Bruna Medeiros, Daniela Regina de Macedo e Giselli de O. da Silveira, se propuseram a desenvolver as seguintes atividades: contação de história, registro de uma história criada pelas crianças para compor um livro, realização da explicação científica a respeito da formiga, identificar a importância da higiene antes da manipulação de alimentos e realizar uma receita de um doce.

As estudantes universitárias contaram com a colaboração dos professores em diversos momentos, desde ceder algum tempo de suas aulas para a organização, dispendo-se, inclusive, a auxiliá-las nos ajustes referentes à construção dos objetivos, metodologia, como também sugerindo ideias para a

realização da contação de história, da explicação científica a respeito da formiga e para a construção e estruturação deste ensaio.

De modo geral, os materiais de papelaria utilizados nas oficinas foram providenciados pela Escola, porém, os mais específicos foram comprados pelos acadêmicos com reembolso posterior. Apesar do curto espaço de tempo, todos conseguiram se organizar.

No primeiro dia, era perceptível a ansiedade, o nervosismo e a expectativa dos participantes do evento, em especial dos acadêmicos de Pedagogia, pois em sua grande maioria não possuíam nenhuma experiência como professores ou auxiliares de sala de aula, e por este motivo demonstraram receio quanto ao fato de as crianças gostarem ou não da oficina. Outra preocupação era o tempo estipulado em relação à atividade planejada e o tempo para a sua realização, pois tínhamos receio de que não fosse suficiente.

As crianças foram recebidas pelos estudantes da Pedagogia de forma carinhosa e acolhedora, com sorrisos e cumprimentos, enquanto dirigiam-se ao auditório. Somente após estarem acomodados, os estudantes da Pedagogia adentraram, pois a ideia era permitir que as crianças pudessem escolher seus lugares. Em seguida, a Banda da Pedagogia iniciou sua apresentação das músicas: “O Caderno”, de Toquinho; “Caçador de Mim”, de Milton Nascimento; “Anunciação”, de Alceu Valença; “Velha Infância”, dos Tribalistas; “Ciranda da Bailarina”, de Chico Buarque e “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga.

Durante a última música, duas estudantes convidaram as crianças para dançar, no entanto elas mostraram-se envergonhadas e somente duas se arriscaram a dançar. A Banda oportunizou a ampliação do repertório musical das crianças e dos demais participantes presentes, além de propiciar momentos de emoção, visto que alguns choraram durante a apresentação.

Na sequência, cada grupo foi apresentado às crianças com as quais ficariam juntos durante os três dias de oficina. Estas ofereceram aos acadêmicos uma lembrança feita por elas, e cada grupo seguiu a percorrer a Escola com a orientação das crianças. Percebeu-se a Escola com muitos ambientes e rampas de acesso aos portadores de necessidades especiais, permitindo não só o deslocamento, mas a integração e interação por meio das diferentes áreas escolares.

Em continuidade ao reconhecimento da estrutura física da Escola, foi possível conhecer a quadra e o ginásio de esportes, nos quais se pôde interagir com as crianças por meio de brincadeiras anteriormente planejadas pelas acadêmicas e de outras sugeridas pelas próprias crianças. No findar do dia, as acadêmicas estavam exaustas e as crianças, com exceção de uma, não demonstravam cansaço.

A “brincadeira do ganso”, ensinada pelas acadêmicas, foi a de maior repercussão, prestígio e aceitação pelas crianças. Nesta tarde, atentei para a importância do preparo físico para acompanhar as crianças nas brincadeiras e a importância do amplo conhecimento acerca de brincadeiras infantis, principalmente anedotas, parlendas e outras não muito praticadas e, às vezes, até desconhecidas pelas crianças.

Na terça-feira, dia 12 de junho, foi o início da oficina planejada pelo grupo do qual participei. Para tanto, a preparação da sala e dos materiais para receber as crianças foi fundamental. Cabe ressaltar que a maior parte das crianças pertencia a turmas e anos distintos, porém, este elemento não foi empecilho para que as crianças pudessem se relacionar amigavelmente, provavelmente em função de já se conhecerem por brincarem juntas na hora da chegada à Escola ou durante o recreio, sendo este um importante espaço e meio de socialização das crianças.

A primeira atividade proposta pelas estudantes da Pedagogia às crianças foi a dinâmica dos nomes, que consistia em segurar uma bolinha, falar o nome de um colega e jogá-la para ele, não sendo permitido jogar a bolinha duas vezes para o mesmo colega, pois assim todos poderiam participar e se conhecer. Em seguida, as crianças personalizaram seus crachás enquanto preparávamos a roda para a contação da história: “A Formiga Aurélia e os outros jeitos de ver o mundo”, de Regina Machado.

Durante a contação da história, as crianças participantes da oficina acompanharam atentas a narração de cada palavra, gesto e movimento. Seus semblantes expressavam tamanha curiosidade que nos deixou surpresas, pois a história é longa e, em determinados momentos, houve entrada e saída de outros espectadores da sala.

A narrativa da “Formiga Aurélia”, de Regina Machado, descreve a aventura de uma jovem formiga que, ao passear, encontra-se em uma

superfície plana, branca, enorme e observa, ouve e vê rabiscos produzidos por um graveto. Aurélia corre até o formigueiro para contar a novidade às outras formigas. Sua descoberta tornou-se um fenômeno estudado por muitas formigas cientistas, e Aurélia contou esta história até para seus netinhos (MACHADO, 2009).

Ao término da história, questionei-os a respeito do graveto, se sabiam o que era, e sem demora obtive a resposta correta: um lápis. A partir desta resposta, conversamos a respeito da escrita, e as crianças relataram que a escrita serve para aprender e que surgiu a partir dos desenhos rupestres.

Propomos a criação de uma história para a construção de um livro, ideia bem aceita. Começaram escolhendo nomes para três personagens e, em seguida, com a participação de todas as crianças, a história foi criada. As acadêmicas da Pedagogia serviram apenas de escriba, transcrevendo para o quadro aquilo que as crianças narravam, pois “[...] a história da escrita é a história do desejo de expressão da criança” (MELLO, 2006, p. 183).

Na sequência da atividade, sugerimos a elaboração de desenhos para ilustrar a história, pois esta, entre outras atividades, é uma das formas de expressão indispensável e, segundo Mello, fundamental “para a formação da identidade e da inteligência e da personalidade da criança, além de serem fundamentais para a apropriação da escrita”. (MELLO, 2006, p. 182).

Quando cultivamos nas crianças o desejo de expressão, quando criamos nelas a necessidade da escrita e quando utilizamos a escrita considerando sempre sua função social, estaremos respondendo ao apelo de Vygotsky para que os educadores ensinem às crianças a linguagem escrita e não letras (MELLO, 2007, p. 34).

As ilustrações seguiram a sequência lógica da história – começo, meio e fim –, sem intervenção das acadêmicas. Terminados os desenhos, o tempo esgotou-se e continuamos a atividade no dia seguinte, que começaria com a explicação científica a respeito da formiga. Para a realização desta aula, pesquisamos e preparamos um texto e, para produzir o material, utilizamos duas cartolinas brancas, nas quais colamos imagens impressas, coloridas, e atribuímos algumas palavras norteadoras da explicação. Percebemos a importância de preparar a aula, ter objetivo e principalmente tempo para

desenvolver esta atividade, e a partir desta ação nos sentimos seguros e capazes.

Explicamos para as crianças o nome científico da formiga, tipos de formiga e suas funções no formigueiro, como nascem, crescem, se reproduzem, transmitem doenças, enfim, sua forma de viver. Durante a explicação, havia sempre dedos levantados, e as crianças questionavam e comentavam a todo instante: “O que é tórax? O que é fungo? O que é esbranquiçado? Porque não tem formiga rei?” Estas são apenas algumas perguntas que me fizeram perceber o quanto subestimei as crianças pondo em dúvida a sua capacidade de interpretação e questionamento.

Considerando a participação tão intensa das crianças durante a explicação, é certo que houve aprendizado, pois, segundo Mello, para a criança “o aprender não faz sentido para ela quando não há interesse ou necessidade da parte dela”. (MELLO, 2007, p. 33).

A fim de continuarmos a atividade, expliquei a respeito da formiga fantasma, comumente encontrada nos armários, sobretudo a procura de alimentos doces. A seguir, convidamos os estudantes para prepararem um doce no refeitório e posteriormente copiarem a receita. Elas escolheram, por meio de votação, um nome para a receita, antes de nos dirigirmos ao refeitório.

Ao chegarmos lá, as crianças lavaram as mãos, vestiram avental, touca, luva e puseram a mão na massa! Explicamos a importância da higiene antes da manipulação de alimentos e, sem demora, todos os ingredientes foram sendo misturados, um a um, concomitantemente à explicação referente à quantidade dos mesmos. Após o preparo, todos saborearam a massa de doce feita pelas acadêmicas e enrolada pelas crianças, pois o doce produzido por estas precisou ficar duas horas na geladeira antes de ser enrolado.

Logo após, voltamos para a sala e as crianças copiaram a receita. Por desconhecerem determinadas letras, algumas apresentaram dificuldades em copiá-la, outros, tão logo copiaram, foram ajudar seus colegas, também houve aqueles que receberam ajuda das acadêmicas.

[...] a criança atribui sentido a tudo o que vê, experimenta e conhece. Só a criança que está em atividade é capaz de atribuir um sentido ao que realiza. E o que significa estar em atividade? Significa a criança saber o que está fazendo, para que faz e esta motivada pelo resultado que realiza. (MELLO, 2006, p.184).

Todos copiaram a receita e começamos a produção do livro. As crianças escolheram o espaço no livro para colarem seus desenhos, que haviam sido feitos no dia anterior. Uma das estudantes universitárias escreveu a história onde havia espaço e, por fim, todas as crianças assinaram a contracapa, no espaço reservado aos autores.

Fizemos uma roda e conversamos a respeito da oficina, as crianças relataram que a semana estava muito legal e que gostaram de tudo o que aprenderam, principalmente a “brincadeira do ganso”. Ao irem embora, houve troca de abraços e beijos.

No penúltimo dia da 1ª SAPE, todas as oficinas expuseram seus resultados. Na ocasião, entregamos aos visitantes a receita e os doces produzidos pelas crianças e lhes foi permitida a manipulação do livro, que por ser grande despertava a curiosidade de todos que ali passavam. Em nosso livro de visitas, há um registro de professora do qual sempre lembrarei: “Que trabalho fantástico: Uniu literatura, ciência (formiga e seu comportamento) e também noções de higiene. Como resultado final: produção de uma história doce e o próprio doce. Aí que delícia de oficina.”

Finalizamos a Semana com a Festa Junina “O Arraial da SAPE”. As crianças tiveram aula até o horário do recreio, e o cardápio foi recheado com pratos típicos. Este foi um momento de reencontro, de beijos e abraços apertados, mas não conseguimos reunir os estudantes da nossa oficina no final da festa conforme o planejado.

Após o lanche, fomos para a quadra onde as acadêmicas e as crianças integrantes da oficina “Ritmo da SAPE” apresentaram um *rap* de composição própria, mais um momento de grande emoção.

A festa continuou com a animada dança da cadeira, da qual acadêmicos e professores da UFSC participaram, e a grande roda para dançar quadrilha. As horas passaram rápido, e nem percebêssemos que a festa havia terminado. Estes momentos, experiências e aprendizados estarão eternizados em nossa memória.

Ao chegarmos à Escola, notamos alguns professores relutantes em relação a SAPE, mas pertenciam a uma minoria, pois a maior parte dos funcionários da Escola demonstrou aceitação a este Projeto, assim, lembrei-me

das palavras de uma colega, estudante de Pedagogia: “a escola é um lugar de confronto político e ideológico.” Talvez não tenham percebido o quanto seria significativo para as crianças os momentos de cultura, aprendizado e ensino proporcionados pela SAPE.

Em minha avaliação, esta atividade superou os objetivos anteriormente estabelecidos. Como acadêmica, não somente vivenciei momentos de iniciação à docência, mas também a responsabilidade de ser professora ficou agora ainda maior, pois a partir da 1ª SAPE refleti acerca da importância de educar não para alienar e sim para humanizar. Para tal ação, é imprescindível uma formação acadêmica de excelência, para torna-me um sujeito crítico, pois

a crítica não decorre de alguma capacidade natural ou de alguma habilidade. A razão que se faz crítica é necessariamente uma razão instruída, principalmente uma razão bem instruída em heranças culturais distintas, uma razão bem inserida numa ou mais tradições (CARDOSO, 2004. p. 122).

Por fim, com a 1ª SAPE percebi a importância do trabalho em equipe e da perseverança em busca de um objetivo comum, pois sem ambos sua realização seria impossível.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Miriam L. Questões sobre educação. In: GOULART, Cecília (org.). **Dimensões e horizontes da Educação do Brasil**. Ensaio em homenagem a Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero. Niterói: Eduff, 2004. p. 107-125.

MACHADO, Regina. A formiga Aurélia. In: \_\_\_\_\_. **A formiga Aurélia e os outros jeitos de ver o mundo**. Ilust. Angela Lago. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1988.

MELLO, Suely Amaral. A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: MILLER, Stela; MENDONÇA, Sueli G. de Lima (orgs). **Vigotski e a Escola Atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 181-192.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da Linguagem Oral, Escrita e Visual. In: BISSOLI, Michelle de Freitas et al. (org.). **Fundamentos da Educação Infantil**. Manaus: Cefort/Edua, 2007. p. 26-41.

## 1 INTRODUÇÃO

A *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola (SAPE)* surgiu com o intuito inicial de atender à disposição curricular do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientada por um de seus eixos formativos: a relação entre Educação e Infância. Nesta direção, há uma previsão de que durante o desenvolvimento das atividades de formação da terceira fase, deveria existir a aproximação dos estudantes universitários com a realidade escolar. Porém, a 1ª SAPE acabou culminando em um projeto coletivo dos sete professores da terceira fase e, para além da “simples aproximação”, contou com a participação dos acadêmicos e estudantes da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, envolvidos em 12 oficinas.

A ideia de aproximar “com” participação pode ser compreendida como aspecto necessário para que uma experiência possa acontecer de forma significativa, tanto para quem desenvolve o trabalho quanto para quem é alvo dele. Dewey caracteriza que, para existir uma experiência significativa, é necessária a inter-relação do aspecto ativo e do aspecto passivo: o primeiro representado pela tentativa e o segundo pelo sofrimento, como coloca o autor, “quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela, fazemos alguma coisa com ela; em seguida sofremos ou sentimos as consequências” (DEWEY, 1979, p. 152).

Ao compreender essa ideia, pode-se chegar ao entendimento de que não basta “aproximar” os docentes em formação da realidade vivida na escola, mas deve-se “aproximar e participar”, pois é somente após esse processo indissociável que a relação poderá tornar-se profícua e consonante com uma proposta de formação humana crítica. Assim, o estudante vê aumentadas suas possibilidades de tornar-se um professor preparado para enfrentar e agir no complexo cotidiano educacional. Neste sentido, a 1ª SAPE ocorreu mediante o desenvolvimento de doze oficinas, realizadas por 52 estudantes de 2 duas

turmas da terceira fase do curso de Pedagogia da UFSC, com a intenção de incentivar a leitura e a escrita das crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Escola.

A necessidade de aprender a leitura e a escrita surge por ela

provocar um salto de qualidade no desenvolvimento da inteligência de quem aprende a ler e a escrever – amplia e desenvolve os mecanismos cerebrais que usamos para pensar [...]. Da mesma forma acontece com a leitura. A criança precisa conviver com a leitura como um instrumento que tem uma função social” (MELLO, 2007, p. 27-30).

### **Compreendendo a oficina Malabares**

A oficina trabalhada por nosso grupo foi intitulada “Malabares, auxiliares do desenvolvimento motor: confecção e jogo”, tendo sido planejada e coordenada pelos estudantes Andréa de Vargas Rodrigues, Gustavo Tanus Martins e Nina Bernal Balconi, com a colaboração das “volantes” Claudia Teles e Michele de Souza Inocente<sup>10</sup>.

Por meio de definição prévia, organizada pela orientadora educacional da Escola, Márcia Bressan Carminati, ficamos responsáveis por dez estudantes de turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Nessa forma de trabalho, quando não se tem crianças de uma mesma idade, pode-se trazer uma nova perspectiva para elas, uma vez que estão acostumadas com classes homogêneas. Num trabalho integrado com diversas idades, as crianças aprendem umas com as outras, pois como diria Briceño-León (1996), não existe um que sabe e outro que não sabe, existem dois que sabem coisas diferentes.

Entre os objetivos da oficina havia “brincar e conhecer alguns elementos do mundo circense”. Através desse objetivo pode-se lembrar de que “a palavra *scole*, de onde nós tiramos a palavra escola, significa ócio, para os gregos. E, ainda para os latinos, *ludus* designava tanto jogo, brinquedo, como escola; o *ludi magister*, o mestre do jogo, era o mestre da escola” (CLAPARÈDE, 1928, p. 21). Portanto, como afirma Vigotsky (1991), entende-se a escola também

---

<sup>10</sup> Volantes é a denominação para os estudantes universitários matriculados somente em algumas disciplinas da terceira fase e que se incorporaram aos grupos após o início do planejamento das oficinas.

como um espaço onde devem existir as brincadeiras, com elas as crianças podem fazer de conta que são malabaristas, palhaços, bailarinas, e isto contribui para que a linguagem escrita possa se desenvolver.

Como segundo objetivo constava “conhecer a história circense”, uma vez que seria a base para o conhecimento da utilização dos malabares. Com o elemento circo, planejou-se a leitura de duas histórias: *O Circo da Lua*, da autora Eva Furnari, e *O circo da lua*, de André Gago. Por meio da leitura, buscou-se incentivar outras formas de percepção das crianças, sempre possibilitando sua capacidade de escolha, questionando se gostariam ou não de ouvi-las, pois “dar voz à criança é permitir sua participação na vida da escola, num projeto que é feito com elas e não para elas, ou por elas” (MELLO, 2006, p.185).

Prova de que as histórias incentivam e mobilizam potencialmente as crianças foi a participação das mesmas durante a leitura com manifestações como: “Professora, você não está mostrando nenhuma figura”.

Após mais ou menos sete crianças já estarem atrás da estudante universitária que contava a história, para que dessa forma pudessem ver as ilustrações, percebeu-se o silêncio de todas as crianças e a atenção que prestaram em cada detalhe, em cada palavra diferente que era dita e, principalmente, a necessidade de verem as ilustrações para compreensão do que era contado. “Ouvir histórias lidas ou contadas é também um estímulo à expressão, pois amplia o vocabulário, alimenta a imaginação [...]” (MELLO, 2007, p. 38).

Como terceiro objetivo foi elencado “produzir materiais para a atividade de malabares”, para que as crianças pudessem brincar e serem participantes do processo criativo, permitindo que cada uma delas fosse “protagonista no seu processo de aprender” (MELLO, 2006, p.190).

O quarto objetivo traçado, “oportunizar uma forma prática de desenvolvimento motor e artístico das crianças”, visava uma ampla abordagem e criação, para que o processo educacional pudesse ter e ser de fundamental importância.

[...] é necessário que trabalhemos profundamente o desejo e o exercício da expressão por meio de diferentes linguagens: a expressão por meio de relatos, poemas e músicas, o desenho, a pintura, a colagem, o faz de conta, o teatro de fantoches, a construção com retalhos de madeira, com caixas de papelão, a

modelagem com o papel, massa de modelar, argila, enfim, que as crianças experimentem os materiais disponíveis que a escola e a educadora têm como responsabilidade ampliar e diversificar sempre. (MELLO, 2006, p. 189).

Finalmente, “praticar a linguagem escrita e oral mediante registro das atividades desenvolvidas e das conversas”, um processo fundamental para o desenvolvimento, que será primordial ao longo de toda a vida de estudante. A escrita depende de treinamento, “tal treinamento requer atenção e esforços enormes por parte do professor e do aluno” (VIGOSTSKY, 1991, p.119).

### **Primeiro Momento**

No primeiro dia da 1ª SAPE, havia apreensão tanto de professores da Escola quanto de professores da UFSC e até mesmo das crianças. Porém, a maior apreensão era dos estudantes do curso de Pedagogia, os quais, na terceira fase, encaravam a tarefa de começar uma semana de participação e, possivelmente, de riqueza para todos os envolvidos.

Como abertura oficial, após fala introdutória do diretor Edilton Luis Piacentini, aconteceu a apresentação cultural com a “Banda da Pedagogia”, composta pelos acadêmicos Andréa de Vargas Rodrigues (vocal), Bruna Medeiros Silva (segunda voz), Catrine de Moraes Pereira (violão), Gustavo Tanus Martins (percussão), Mariana Carreira Oliveira (teclado) e Nina Bernal Balconi (flauta), que cantaram as músicas: “O Caderno” (Toquinho), “Caçador de Mim” (Milton Nascimento), “Anunciação” (Alceu Valença), “Velha Infância” (Tribalistas), “Ciranda da Bailarina” (Chico Buarque) e “Asa Branca” (Luiz Gonzaga). Todas as músicas contam com a colaboração das vozes das crianças e dos estudantes universitários, dos professores da UFSC, além dos funcionários da Escola. As crianças estavam presentes com suas características únicas, tímidas, agitadas, sorridentes, banguelas ou cheias de dentes, com sandálias, tênis, sapatinhos, uniforme, blusas ou camisetas, bonés ou laços, mas repletas de energia, o que chegava até mesmo a emocionar os mais “duros”. Após a apresentação da Banda, as crianças e os estudantes da terceira fase puderam se conhecer e, por meio das crianças, realizar uma visita

às dependências da Escola. Também houve a entrega de lembranças nesse primeiro encontro.



Figura 1 - Lembrança dos alunos aos estudantes. Foto: Gustavo Tanus Martins

Diversos setores da Escola foram apresentados, desde a secretaria até o refeitório, da sala de aula ao ginásio, da quadra à biblioteca.

A educação escolar é realizada numa instituição social, a escola, que tem sua forma própria de funcionar, seus próprios constrangimentos e é toda ela permeada por poderes também diferenciados e hierarquizados, sempre de alguma forma presentes na relação professor/aluno [...] na relação dos professores entre si [...] na relação entre os professores e o corpo técnico-administrativo, na relação entre uma determinada escola e o conjunto do sistema escolar, na relação entre a escola e seu mantenedor (CARDOSO, 2004, p. 114).

Todo esse processo pôde ser observado na fala das crianças, ao relatarem sua relação com a profissional responsável pela sala dos brinquedos: “É pra ela que a gente pede brinquedos.” (relata uma das crianças com um sorriso no rosto). Ou ainda, ao falarem da cozinheira, outra criança comentou: “Todo dia ela faz nossa comida, que é muito boa.” Ao conhecer a biblioteca, outro comentário: “Aqui temos que fazer silêncio e ele (apontando o dedo para o bibliotecário) é quem pede pra gente ficar quieto”.

O grupo era constituído por seis meninos e quatro meninas. Tornou-se necessário conhecer cada um pelo seu nome, uma vez que nem todas as crianças eram da mesma turma ou do mesmo ano.

Como forma de aproximação, foram desenvolvidas algumas brincadeiras, e, para tanto, as crianças tiveram autonomia para escolher o que e como gostariam de brincar, pois, como relata Cardoso (2004, p. 117):

as concepções da educação como emancipação, formação de cidadania, visando permitir o livre desenvolvimento das aptidões e assim melhor aproveitando os talentos potenciais e realizando a igualdade [...] continuam presentes a todo um pensamento crítico referenciado na liberdade, na igualdade, na crítica e na democracia.

Portanto, o primeiro dia foi finalizado com brincadeiras e a vontade de colocar em prática os objetivos da oficina planejada.

## Segundo Momento

A chegada à Escola aconteceu bem cedo, pois a intenção era ter tudo perfeito e pronto para quando as crianças chegassem. Porém, nem tudo foi tão fácil e prático. A ideia de enfeitar a sala e transformá-la em um circo acabou por gerar a necessidade de uma rápida reorganização.

Com muitos TNT de diversas cores o ar circense tomou conta do ambiente. A construção foi iniciada pelo teto, mas a porta também ganhou enfeite. Aos poucos as crianças chegavam à sala. Iniciamos a conversa perguntando o que cada um conhecia do circo e, posteriormente, embasando algumas ideias sobre a história do circo, desde seu surgimento na Itália, na Roma antiga, até sua chegada ao Brasil. Na sequência, realizamos a produção do crachá com o formato do próprio circo.



Figura 2 – Teto da sala de aula.  
Foto: Gustavo Tanus Martins



Figura 3 – Entrada da sala  
Foto: Gustavo Tanus Martins



Figura 4 - Crachá da estudante (UFSC) Andréia de Vargas Rodrigues.  
Foto: Gustavo Tanus Martins

Inicialmente, descrevemos os materiais utilizados na produção das bolinhas de malabares e, em seguida, cada um começou sua própria produção. A desenvoltura das crianças surpreendeu, pois conseguiram realizar sozinhas boa parte da atividade, produzindo as três bolas em um tempo relativamente curto.

As visitas dos professores da Escola, e até mesmo dos professores da UFSC, eram frequentes para supervisão e apreciação do processo. Notamos que é na hora da brincadeira que os adultos “voltam” à sua infância. Talvez inovar em ideias e possibilidades criativas seja necessário, não apenas para as crianças, mas também para nós, adultos, que em muitos momentos nos esquecemos de ser criança.

Arendt (1992) relata que a criança não pode simplesmente ser excluída do mundo do adulto e mantida artificialmente em seu próprio mundo; os dois devem coabitar, fortalecendo o processo de ensino e aprendizagem. Afinal, a infância é a condição social de ser criança e deve ser vivida plenamente.

Após a confecção das três bolinhas, as crianças começaram a praticar e desenvolver suas habilidades motoras. Coletivamente, todas aprenderam alguns passos para realizar o jogo com seus novos brinquedos. “Para aprender, a criança precisa ser ativa [...] Só a criança que está em atividade é capaz de atribuir um sentido ao que realiza” (MELLO, 2007, p. 39).

A necessidade de desenvolvimento e coordenação motora mostra-se fundamental até mesmo nos processos de escrita, uma vez que auxilia no desenvolvimento neurológico. Como aponta Santos (et al., 2004, p. 4):

Dentre as razões que têm levado o interesse crescente pelos conhecimentos acerca do desenvolvimento motor, destacam-se: a) os paralelos existentes entre o desenvolvimento motor e o desenvolvimento neurológico, com implicações para o diagnóstico do crescimento e desenvolvimento da criança. (SANTOS et al., 2004, p. 4).

Ao chegar o momento do intervalo, algumas crianças preferiram continuar com a brincadeira, desenvolvendo sua motricidade, a ir para o pátio, mas às 16 horas todas já se encontravam novamente na sala.

Após a leitura de *O Circo da Lua*, sugerimos como atividade de fechamento escrever as instruções para a confecção das bolinhas. Apesar de algumas dificuldades, todos transcreveram o passo a passo no caderno de atividades, momento fundamental do processo de auxílio no desenvolvimento da linguagem escrita.

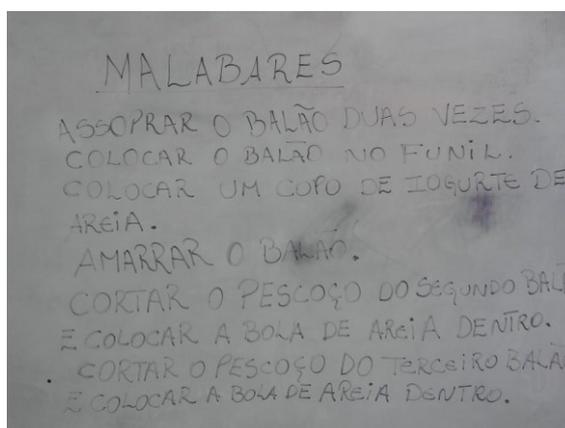


Figura 5: Instruções para produção das bolinhas escritas por Andrea de Vargas Rodrigues.  
Foto: Gustavo Tanus Martins

Nesse momento, mais uma vez, ficou evidente a diferença no “tempo” de cada criança. Algumas copiaram rapidamente da lousa as instruções para a produção das “bolinhas de malabares” e faziam questão de dizer: “Já acabei!”

Em alguns momentos, o esforço foi realmente necessário, tanto de professores quanto das crianças que necessitavam escrever. Porém,

surpreendente foi a resposta dada por uma criança após o extremo esforço (pelo menos assim o julgamos) em concluir seu processo de escrita: “Viu, nem cansou tanto, não é verdade?”. Logo na sequência, ele caiu para trás com pernas e braços estendidos, como se dissesse: “Estou morto...”.

Percebemos que a concepção de escrita de algumas crianças era desenvolvida, pois ao serem questionadas: “Por que devemos escrever?”, prontamente uma delas respondeu que é “Para nos lembrarmos mais tarde!”. Isso mostra o quanto a escrita assume significado social para elas. Como defende Mello (2007), isto serve para comprovar que o processo fundamental da escrita é a comunicação com os outros, expressando o que sentimos, o que pensamos, para divulgar uma ideia, ou o que aprendemos ou, até mesmo, para podermos nos lembrar de algo.

### **Terceiro Momento**

Chegamos ao terceiro dia de oficinas na Escola. O sentimento de confiança se tornava maior, tanto da parte das crianças quanto dos estudantes de Pedagogia. Elas já nos “reconheciam” como professores e faziam elogios: “Oi professor! Sabia que eu gosto muito mais da sua aula do que da minha professora?”. O modo como as oficinas foram organizadas, estabelecendo outra configuração para o tempo escolar e para o tempo de permanência da criança na Escola, se tornou um fator preponderante para tal reconhecimento.

Para a continuidade das atividades, foi proposto que assistíssemos dois vídeos referentes ao tema circo. Logo após as apresentações dos vídeos, surgiu uma figura inusitada, o Dr. Pimenta. O personagem foi criado por um dos componentes do grupo de acadêmicos, através do projeto Terapeutas da Alegria, que realiza visitas em hospitais com o objetivo de tentar desconstruir o ambiente, muitas vezes, frio e triste, propiciando que crianças e adultos possam voltar ao mundo criativo através de brincadeiras, histórias e música. O personagem surgiu na sala como num “passe de mágica”, contando um pouco de sua história pessoal e dando continuidade as próximas atividades artísticas da oficina.



Figura 6: Dr. Pimenta em sua intervenção. Foto: Andréa de Vargas Rodrigues

O médico-palhaço contou um pouco de sua história de vida, os motivos que o levaram a sair do circo e tornar-se médico. Relembrou que o nariz vermelho é um remédio precioso que pode transformar o mundo: todas as tristezas somem, as dores desaparecem e os machucados cicatrizam.

Por este motivo, todas as crianças receberam um “nariz mágico”. Dr. Pimenta também realizou demonstração de outro instrumento transformador, o “Prato do Amor”. Através dele, todo o ambiente ficava encantado de carinho, afeto e amor. Comentou-se sobre a importância das bolinhas de malabares para o tratamento das pessoas doentes no hospital: com o auxílio das bolinhas, o ambiente fica encantado, repleto de esperança e felicidade. Porém, uma mágica era necessária para que as bolinhas ganhassem o poder. Pusemos todas as bolinhas no centro da sala, algumas palavras mágicas foram pronunciadas, e a “mágica consolidou-se”.

Sua interação encerrou ao propor uma dança animada e divertida (“Tchu au Tchu au, é uma dança tropical”), que solicitava alguns movimentos corporais. Posteriormente lembrou-se que precisava voltar ao hospital, mas deixou a dica para que fosse realizada a produção do “Prato do Amor”.

Entendemos que o trabalho de articulação/mediação pedagógica realizado pelo Dr. Pimenta assumiu importância em virtude da apropriação das crianças com relação à linguagem escrita, um dos enfoques desenvolvidos na 1ª SAPE. Por meio do faz de conta, a criança começa a se apropriar do significado das coisas, sendo este um dos colaboradores do ensino da linguagem escrita:

um objeto adquire a função de signo, com uma história própria ao longo do desenvolvimento, tornando-se, nessa fase, independente dos gestos das crianças. Isso representa um simbolismo de segunda ordem [...] consideramos a brincadeira do faz de conta como um dos grandes contribuidores para o desenvolvimento da linguagem escrita – que é um sistema de simbolismo de segunda ordem. (VIGOTSKY, 1991, p. 125).

A continuidade foi estabelecida com a produção do “Prato do amor”. Nesse processo, foram utilizados o desenho e a escrita como formas de enfeitar o prato, também com finalidades didático-pedagógicas, pois a construção da linguagem escrita da criança “passa, a partir da linguagem oral, pelo desenho e pela brincadeira de faz de conta antes de chegar à escrita” (MELLO, 2006, p.188).



Figura 7 - Prato do Amor e Bolinhas Encantadas.

Após a conclusão dos pratos, as crianças foram incentivadas a colocar em prática suas habilidades motoras ao equilibrá-los, girando-os com uma vareta de madeira. Concordamos que utilizar o tempo de brincar, de ser criança, de faz de conta, tem significativa importância nessa etapa da vida. (MELLO, 2006).

Chegou a hora do recreio e, com ele, novos comentários das crianças: "Ahhh não... quero ficar brincando aqui!", "Posso ir lá rapidinho e já voltar?".

Terminado o recreio, após o retorno das crianças, realizamos nova leitura, *O circo da lua*, finalizada com mais uma conversa sobre o desenvolver da oficina e as brincadeiras com as bolinhas. Neste momento, o ambiente contava com o Prato do amor, além de bambolês, corda, pés de lata e algumas fantasias circenses, favorecendo o mundo do faz de conta.

O momento de conversa integra o processo formativo, uma vez que é fundamental a “liberdade e a crítica: desenvolvimento da capacidade de pensar e de julgar, questionar e estimular a capacidade crítica, sem o que, não se pode construir o novo” (CARDOSO, 2004, p. 120). Além disto, auxilia na compreensão do significado da escola: “atender e canalizar o processo de socialização” (PÉREZ, 1998, p. 13).

#### **Quarto e Quinto Momentos**

Novo dia de atividades, mas também de mostrar as habilidades de “aprendizes de palhaço”. Neste dia as crianças tiveram a oportunidade de visitar cada uma das oficinas, compreendendo os temas abordados e prestigiando o trabalho realizado pelos amigos da Escola. Para tanto, o circo foi remodelado: as cores saltavam aos olhos. Aos poucos, algumas crianças curiosas chegaram, espiavam para descobrir o que acontecia e efervesciam de vontade de brincar.

Registramos alguns depoimentos gratificantes: "Hoje eu nem dormi direito com vontade de vir logo pra escola", "Eu acordei às 5 da manhã, mas tinha que esperar até de tarde para poder vir na escola", "Eu nem tirei essa camiseta, dormi com ela e vim hoje" (apontando para a camiseta do SAPE).

Após o preparo da sala, as visitas tiveram início. Ao entrar no espaço preparado, os olhos brilhavam e os corpos vibravam com a possibilidade de diversão – um mundo encantado se abria, possibilitando novas experiências para cada um. Afinal, “o propósito das instituições de ensino [...] formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber, ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade” (NIETZSCHE, 2003, p. 62).

Ao receber as visitas percebemos a diferença de reação de cada criança dependendo da idade: do primeiro ao terceiro ano transpareciam estar mais tranquilas, atentas; já as do quarto e quinto anos logo queriam brincar, tocar nos objetos e demonstrar suas habilidades. A emoção ao conseguir equilibrar o prato ou brincar com as bolinhas tornava-se evidente.

O respeito, tanto das crianças participantes (visitantes) como das produtoras da oficina, ao entrar na sala era nítido, sempre perguntando sobre a possibilidade de brincar, demonstrando o respeito adquirido ao longo do trabalho e que foi criado entre nós, estudantes de Pedagogia, e as crianças. Ao final do dia, todos haviam visitado as outras oficinas e ampliado um pouco mais seu universo de experiências.

Para fechamento da 1ª SAPE, a forma concebida pela Escola, a Universidade e os estudantes participantes convergiu para uma Festa Junina, com direito a comidas típicas, chapéus de palha, vestidos de chita e quadrilha. Foi o momento de receber todos os participantes, realizadores e idealizadores da *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola*.

Ao final da festa, a maioria das crianças se encaminhou para as oficinas nas quais participaram para realizar o fechamento e a avaliação. Pareciam todos atentos aos agradecimentos, talvez um pouco tristes com a despedida e perguntavam quando iriam rever os “novos professores”. No intuito de aliviar um pouco tal ansiedade, relatamos que outros estudantes viriam no futuro, mas que ainda poderíamos nos encontrar em outros momentos.

## **2 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta atividade de aproximação entre a escola pública e a universidade, com o objetivo de contribuir para a formação docente, é inovadora. Julgamos que foi de extrema importância e de grande valia para os dois lados.

Dizer que o processo educacional é algo complexo nos parece redundante, uma vez que envolve diversas visões de mundo, vivências individuais, idades diferentes, vontades e saberes distintos. Porém, no momento em que trocamos ideias e fazeres, conseguimos conquistar algo maior, conseguimos ampliar horizontes e mudar realidades muitas vezes desacreditadas.

O fato de trabalharmos com crianças de diferentes idades e em diferentes níveis de apropriação da linguagem escrita tornou o desafio ainda mais interessante, uma vez que se deve estar consciente que cada criança terá o seu tempo, necessário para compreensão do que é proposto, e só depois disso poderá realizar a atividade de forma mais prazerosa e significativa, construindo o processo de ensino/aprendizagem.

A 1ª SAPE surgiu como uma proposta ambiciosa, mas em seu desenvolvimento se tornou uma proposta permeada de significados para todos os participantes. Acreditamos que a surpresa tomou conta de todos. O potencial dos estudantes da UFSC ficou nítido, pois mesmo cursando apenas a terceira fase do curso de Pedagogia, conseguiram desenvolver oficinas, desde as mais emocionantes até as mais divertidas, escrever textos, contar histórias, contribuir para desenvolver habilidades manuais e até criar música.

Ao nos depararmos com o desafio, o aceitamos. Num primeiro momento, ressabiados, mas com vontade e disposição, partilhada também por professores da UFSC e até mesmo pelos funcionários da própria Escola. O conjunto de atividades, entre o planejamento e a consecução, demonstrou clareza e discernimento quanto às possibilidades formativas que se estava proporcionando para os estudantes de Pedagogia, professores em formação.

Particularmente, nossa oficina – “Malabares, auxiliares do desenvolvimento motor: confecção e jogo” – despertou grande interesse e possibilitou a aproximação indistinta de crianças e estudantes, mas também dos próprios docentes, tanto aqueles da Escola como os da Universidade. As crianças, em diferentes momentos de aprendizagem, foram receptivas, favorecendo o ambiente de trabalho e auxiliando na conquista dos objetivos propostos, desde os momentos de produção e brincadeira até o de escrita e leitura. Não perdemos de vista o formato pedagógico, atentos às crianças na escolha da brincadeira, na divisão de tempos para cada atividade e no respeito à autonomia e opiniões daqueles sujeitos em desenvolvimento.

Sem dúvida, a semana marcou muito e enriqueceu mais ainda nossa formação. Trabalhar com um grupo heterogêneo, em todos os sentidos, apesar de não estarmos sozinhos, não foi tarefa fácil, mas reforçou a compreensão de que cada um tem seu tempo e que isto precisa ser respeitado, principalmente quando falamos de ensino e aprendizagem.

A educação, como diz Hannah Arendt, é o momento em que iremos decidir se amamos o mundo a ponto de não abrir mão dele; ao mesmo tempo, nos interroga se amamos nossas crianças, para que, dessa forma, não as abandonemos, nem as expulsemos desse mundo e sim nos tornemos dispostos a auxiliar nos processos de formação humana, para que elas também possam contribuir na construção com renovação.

## REFERÊNCIAS:

ARENDRT, Hanna. A crise na educação. In: \_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 221-247.

CARDOSO, Miriam L. Questões sobre educação. In: GOULART, Cecília (org.) **Dimensões e Horizontes da Educação no Brasil**. Ensaio em homenagem a Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero. Niterói: EdUFF, 2004. p. 107-125.

CLAPARÈDE, Eduard. **A Escola e a Psychologia Experimental**. Tradução e prefácio Lourenço Filho. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

DEWEY, John. Experiência e Pensamento. In: \_\_\_\_\_. **Democracia e educação: Introdução à Filosofia da Educação**. São Paulo: Nacional, 1979. (Atualidades pedagógicas, v. 21)

FURNARI, Eva. **O Circo da Lua**. São Paulo: Atica, 2003.

GAGO, André. **O circo da Lua**. Ilust. Marina Palácio. Lisboa: Difel, 2002.

MELLO, Suely A. A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: MILLER, Stela; MENDONÇA, Sueli G. de Lima (orgs). **Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 181-192.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da Linguagem Oral, Escrita e Visual. In: BISSOLI, Michelle de Freitas et al. (orgs). **Fundamentos da Educação Infantil**. Manaus: Cefort/Edea, 2007. p. 26-41.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, Suely; DANTAS, Luiz; OLIVEIRA, Jorge A. Desenvolvimento Motor de Crianças, de Idosos e de Pessoas. São Paulo: **Revista Paulista de Educação Física**, v. 18, ago. 2004, p. 33-44. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/05/desenvolvimento-motor-e-transtornos-de-coordenacao.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012

VIGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. xi.

## PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA COMO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM

Kézia Terezinha dos Santos

A *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola* (1ª SAPE) foi um desafio proposto pela disciplina Educação e Infância III, com a participação dos demais professores da terceira fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em consonância com os objetivos mais amplos dessa atividade, pautada na formação de leitores e escritores, elaboramos e desenvolvemos em uma escola da Rede Pública Municipal de Florianópolis uma semana de incentivo a aprendizagem, mediante a oralidade e escrita, para estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Ou seja, foi desenvolvido com esse projeto o estudo de diferentes linguagens por meio de várias oficinas.

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, *locus* de realização da 1ª SAPE, está localizada no bairro Pantanal, em Florianópolis. Trata-se de uma Escola com ótima infraestrutura, onde atuam profissionais qualificados e que foram receptivos à proposta de aproximação dos estudantes universitários com a realidade escolar. Partimos para esta experiência um pouco apreensivos, pois se tratava, para muitos de nós estudantes do curso de Pedagogia, a primeira intervenção em sala de aula e a oportunidade de exercermos a docência. Seguimos um cronograma referente a cada dia de trabalho na Escola, detalhado num plano de aula que deveríamos seguir.

O nosso grupo foi composto pelas monitoras Ana Maria Pereira Mendes, Paola Cristina Wentz, Kézia Terezinha dos Santos, Carla Moreira Rosa, Márcia Lopes Lima de Omena e, ainda, pelas estudantes volantes Valdirene Aparecida da Silva e Wania de Sousa Silva Leal<sup>11</sup>.

A oficina tinha como tema “A sala de aula que temos e a sala que queremos”. Nossa proposta era levar às crianças a leitura e a escrita de forma

---

<sup>11</sup> Por monitoras entendemos as acadêmicas do Curso de Pedagogia que cursam todas as disciplinas e participaram integralmente das oficinas, e volantes as acadêmicas do Curso de Pedagogia que cursam apenas algumas disciplinas, e que participaram em dias alternados durante a 1ª SAPE.

lúdica, dinâmica e criativa, para que todos pudessem entender a sua importância.

O objetivo da oficina era que as crianças assumissem a condição de *designer* de interiores e analisassem a sala de aula para que, posteriormente, expusessem suas ideias e registrassem, por meio da escrita, como desejariam aquele espaço, expressando seus desejos em uma pintura em tela.

No primeiro dia estávamos, sobretudo, ansiosas para conhecer as crianças que antes conhecíamos somente pelo nome. Fomos recepcionadas no auditório da Escola pelo diretor que salientou a importância da 1ª SAPE e, principalmente, para as crianças. A “banda da Pedagogia”, formada por alguns estudantes da terceira fase, apresentou seis músicas e, entre elas, *Velha Infância* dos Tribalistas, foi um momento em que todos os estudantes cantaram o refrão. Após isto, os monitores finalmente conheceram o grupo de crianças com as quais passariam a Semana. Elas tiveram a incumbência de nos apresentar a Escola, e nesse momento já foi possível sentir, pelo modo de como fomos recebidas, que essa proposta tinha tudo para ser um sucesso. Receberam-nos com muitos abraços, sorrisos e até uma “lembrança”, um marcador de livro feito pelas crianças juntamente com suas professoras.

Visitamos a biblioteca, os espaços da direção e coordenação, a quadra de esportes, de modo que tivemos uma ideia de quase toda a Escola. Participamos do recreio, onde lanchamos no refeitório junto com as crianças, foi uma oportunidade de conhecer e interagir com elas e com os profissionais que trabalham na Escola, todos foram receptivos e gentis. No pátio da Escola, propusemos uma brincadeira de “Adivinha” e “O que é o que é”. Brincamos, nos divertimos e aprendemos juntos de modo lúdico.

Partimos da premissa de que a linguagem oral – compreendida como um meio de comunicação e expressão das crianças –, permite comunicar pensamentos, intenções e ideias, influenciando no estabelecimento de relações interpessoais e possibilitando o ensino e a aprendizagem. Por meio da linguagem oral pudemos desenvolver diferentes formas de interação entre adultos-crianças e crianças-crianças como, por exemplo, a roda de conversa, a contação de história, a brincadeira de trava-línguas, as parlendas, entre outras. Além disso, estamos contribuindo também para a aprendizagem da linguagem escrita.

No segundo dia, fomos para a sala de aula receber os estudantes que chegavam animados, empolgados e interessados. Todos se perguntavam: o que iria acontecer naquele dia? Primeiramente, com o objetivo de desenvolver a escrita, distribuimos crachás para pudessem escrever seus nomes, colorilos, desenhando e enfeitando como preferissem. As crianças foram criativas e produziram lindos crachás. No momento seguinte, uma das monitoras leu o poema de José Paulo Paes (1997), do livro *Lé com cré*, que aborda como tema a invenção. A intenção foi mobilizar a interação, a concentração e a participação dos estudantes.

Se você for inventor invente  
um creme  
que tire ruga  
de pescoço  
de tartaruga.

Um pente  
que penteie sozinho  
lombo  
de porco-espinho.

E um lenço  
forte bastante  
para assuar tromba  
de elefante. (PAES, 1997).

Após esse momento, conversamos com as crianças sobre a profissão do *designer* de interiores, explicamos o que, onde trabalha e qual a importância deste profissional. Elas mostraram-se interessadas e participaram ativamente fazendo muitas perguntas às monitoras e também interagindo/dialogando entre elas mesmas.

Apresentamos-lhes *slides* sobre o significado das cores, pois um *designer* de interiores utiliza muito como instrumento de seu trabalho. As crianças pediram para participar lendo o significado das cores. Falou-se do vermelho, do branco, do azul, do verde, do preto e do amarelo. Quando falamos do amarelo que “traz prosperidade” e do amarelo-dourado que é associado à riqueza e dinheiro – o que muitas pessoas buscam hoje em dia –, para surpresa de todas as monitoras, uma aluna do 2º ano disse: “*Professora, o dinheiro não é tudo, o amor é mais importante*”. Com isso tivemos a oportunidade de conversar sobre a importância do amor.

A criança vai se interessando e percebendo cada vez mais a necessidade da comunicação por meio desenvolvimento e da convivência com esses diferentes tipos de linguagem. Dessa forma, mostramos através de imagens de vídeo vários objetos como: móveis antigos de sala de aula, móveis feitos de materiais reciclados, de bambu, de pedra e poltronas feitas com pneus. Apresentamos ainda um vídeo com diferentes arranjos de sala de aula, enfatizando a estrutura, o espaço e as diferenças entre algumas salas de aula bem equipadas e outras menos. Havia, também, imagens de sala de aula de outros países evidenciando culturas diferentes. Os alunos participavam indicando as diferenças percebidas, quando um dos estudantes do 3ª ano pediu a fala: *“Professora essa sala não tem o mais importante, que são os alunos e os professores”*.

Depois do intervalo, distribuimos algumas pranchetas para que escrevessem como queriam a sala de aula. Uma estudante do 1º ano, com seis anos de idade, pediu ajuda e com o nosso auxílio conseguiu concluir a atividade proposta, que tinha como objetivo desenvolver a linguagem escrita. Depois de concluírem, cada um leu o seu texto, como forma de desenvolver a linguagem oral.

Sendo a linguagem oral um dos principais meios de comunicação entre as crianças, podemos definir que a medida que elas desenvolvem a fala podem também desenvolver o seu pensamento.

Ao trazer sua história para a escola, ao formular e expressar opiniões, ao propor soluções para os problemas vividos no grupo, ao expressar suas idéias, angústias e sentimentos, a criança deixa de ser um anônimo e passa a ser alguém que tem identidade no grupo. Em segundo lugar, possibilitamos que se sinta parte da escola. Essa sensação do pertencimento é um correlato essencial da disciplina – cuja causa primeira é o sentimento de exclusão, e não a pobreza ou a desagregação familiar tradicional, como muitos de nós pensamos. Em terceiro lugar envolvimento da criança na escola promove sua expressão oral que é condição essencial para o desenvolvimento da inteligência. As palavras são a matéria com que trabalha o pensamento; se faltam as palavras, falta o pensamento. (MELLO, 2006, p. 190-191).

No terceiro dia concluímos nossa oficina. Para tanto, recebemos as crianças, algumas delas acompanhadas de seus pais, e fomos apresentadas como as ‘professoras do SAPE’. Explicamos às crianças o que iria acontecer neste momento. Primeiramente colocamos um medidor feito com a forma dos

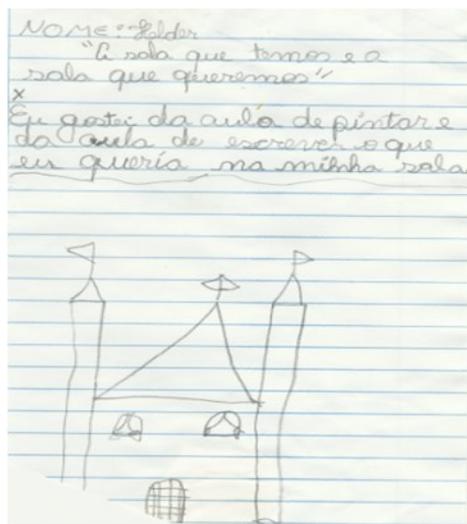
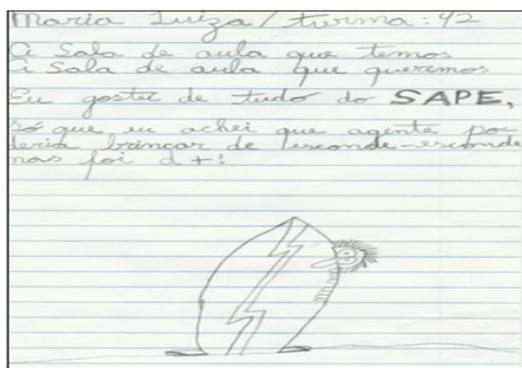
pés de uma criança na parede e do lado uma fita métrica. Medimos cada uma das crianças a fim de verificar qual o mais alto e o mais baixo do grupo: a estudante mais baixa era da turma do 1º ano com 118 cm, e o estudante mais alto era um menino do 5º ano com 150 cm. Explicamos como se mede e, em seguida, medimos a largura e comprimento da sala de aula. Falamos ainda da importância da medida para um *designer* de interiores.

Concluída essa primeira etapa, passamos a tão esperada pintura em tela. Por meio desse trabalho as crianças expressariam como seria a sala de aula “desejada”. Após distribuir as telas, as tintas e os pincéis, as crianças começaram suas produções. Elas fizeram misturas de tintas a fim modificar as cores, trocaram ideias e informações resultando em obras lindas e criativas.

**Figura 1 - Imagens das telas produzidas pelas crianças participantes da oficina**



Quando todos terminaram as telas, pedimos para que, em uma folha, as crianças deixassem registrados comentários sobre os dias em que passamos juntos, com destaque para o que mais gostaram e também o que não gostaram durante a semana. Nesse exercício de escrita, elas se mostraram verdadeiras produtoras de textos, expressando-se com muita liberdade e clareza, demonstrando, entre outros aspectos, seu agradecimento pela oportunidade de ter uma semana especial e inesquecível.



**Figuras 2 – Através da linguagem escrita as crianças relataram o que mais gostaram durante a semana**

Encerramos informando às crianças que no dia seguinte iria acontecer na Escola a exposição de todas as oficinas, com as produções de todos aqueles que participaram.

No dia seguinte, as crianças, ao chegarem na escola, se dirigiram para sala de aula com professora regular e tiveram aula até às 15h30min, a hora do lanche. Desde as 13h30min cada um dos grupos, com suas respectivas oficinas concluídas, dirigiu-se ao auditório da Escola a fim de organizar a exposição.

Nosso grupo “A sala de aula que temos e a sala de aula que queremos”, como tinha várias telas a serem expostas, ficou no corredor ao lado do auditório. Anexamos os quadros na parede, na altura dos olhos das crianças, para que pudessem melhor visualizar. Ao lado de cada tela colocamos os respectivos textos com as informações da sala de aula que cada um queria, para que todos pudessem ler e entender que a tela pintada tinha uma relação com a escrita apresentada.

Uma das partes mais gratificante foi quando toda a comunidade escolar começou a visitar a exposição. Via-se alegria estampada em cada sorriso. As crianças com que trabalhamos, satisfeitas, mostravam suas obras para os outros colegas da turma e para suas professoras.

Abraços carinhosos e beijos como forma de agradecimento fizeram valer cada esforço dessa semana de descobertas e experiências: tivemos a

certeza do dever cumprido e de que tinha sido um sucesso. Em nosso espaço havia um cartaz com bilhetes que as próprias crianças escreviam deixando suas considerações. Na verdade, todos que passavam podiam deixar recados ou somente a assinatura em um caderno.

No último dia da 1ª SAPE tivemos uma festa junina com presença das famílias e da comunidade escolar. O objetivo era a socialização e a celebração da Semana, por isso reorganizamos a exposição, uma vez que pais e amigos das crianças também participariam. Além disso, vestimo-nos a caráter para a festa junina e participamos do lanche coletivo com guloseimas típicas. Foi um momento de interação muito divertido. Dançamos quadrilha, mas o mais importante foi ver as crianças com quem trabalhamos durante a Semana nos chamarem para dançar e nos apresentar com orgulho aos pais.

O fato de sermos apresentadas como ‘as professoras da SAPE’ foi uma emoção indescritível. Ao final, entregamos uma lembrança para as crianças que participaram da nossa oficina em agradecimento pela Semana especial que juntos construímos. Deixamos recados de incentivo e agradecimento, reforçando que só tivemos êxito, pois tivemos a participação e aceitação de todos.

Refletindo sobre nossa experiência de aproximação e participação na Escola, pensamos que os principais objetivos foram atingidos de forma satisfatória. Enfim, uma experiência única, compensadora e extremamente importante para futuros professores. Pudemos “colocar em prática” o que aprendemos em sala de aula e reunir subsídios para analisar como pode ser a prática docente.

Na Universidade aprendemos teorias e conceitos, mas é na sala de aula com que podemos ter alguma noção da complexidade da realidade escolar e da dimensão do trabalho do professor. No entanto, essa experiência de aproximação e participação na Escola só teve êxito devido ao planejamento cuidadoso tanto da Escola, como das professoras da terceira fase do curso de Pedagogia da UFSC.

O acolhimento e a recepção que a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito nos proporcionou, abrindo suas portas, entendendo e colaborando com o Projeto, desde o diretor, os professores, até os profissionais que trabalham no refeitório, contribuem no processo formativo. Além disso, a

Escola possui boa infraestrutura, com salas amplas e ventiladas, e também uma grande área verde.

As crianças participaram com entusiasmo e curiosidade durante toda a Semana, o que foi importante para a conclusão das atividades. Quanto aos professores da UFSC, foi essencial saber que estavam ali disponíveis para contribuir no que fosse necessário, o que trouxe tranquilidade, pois sabíamos que se houvesse alguma dúvida ou imprevisto tínhamos a quem recorrer.

Quanto a minha participação pessoal, desde o começo acreditei nessa aproximação, sabendo que para a formação como docente essa seria de grande contribuição, por se tratar da primeira experiência em sala de aula. Para tanto, me empenhei, estudei e parti para essa vivência com segurança, pois tenho certeza e convicção do futuro profissional que desejo. Reitero ainda que o grupo com que trabalhei fez toda a diferença, pois desde a escolha da oficina nos entendemos bem. Já dentro da sala de aula, apesar dos imprevistos que aconteceram, conseguimos contornar com sucesso. Trabalhamos realmente em equipe, seguimos o cronograma, cada um cumpriu com a sua função e, assim, concluímos nossa oficina com êxito.

## REFERÊNCIAS

MELLO, Suely A. A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: MENDONÇA, Sueli G. L.; MILLER, Stela (Org.). **Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006. p. 181-201.

PAES. José Paulo. **Lé com crê**. São Paulo: Ática. 1997.

## HISTÓRIA COM FANTOCHES<sup>12</sup>

**Mariana Carreira Oliveira**

"Prof., vocês que são o SAPE né?". Essa foi a pergunta de uma das crianças da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito sobre a 1ª SAPE, que é a abreviação para a *1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola*.

Esse projeto foi coordenado pela disciplina Educação e Infância III, da terceira fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esse Projeto surgiu com o intuito de atender a ementa dessa disciplina, que visa à aproximação dos estudantes com a prática escolar, e o objetivo de oportunizar a iniciação à docência aos estudantes universitários. Para sua realização foi proposto que os estudantes da universidade se dividissem em pequenos grupos que ficariam responsáveis por desenvolver atividades com 12 crianças do ensino fundamental, que vai do 1º ao 5º ano. Cada equipe organizou uma oficina, cujo objetivo era o incentivo à leitura e à escrita.

A 1ª SAPE ocorreu do dia 11 a 15 de junho de 2012, na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. No primeiro dia, os estudantes e professores da UFSC se apresentaram à comunidade escolar, e as crianças mostraram a Escola a eles. No segundo e terceiro dia, foram ministradas as oficinas programadas pelos estudantes do curso de Pedagogia, supervisionadas por um professor da Escola. No quarto dia, foi realizada uma mostra e exposição dos resultados de cada oficina. No último dia, aconteceu a Festa Junina da Escola, com a presença da comunidade escolar, familiares e outros convidados.

### **Ensinar exige imaginação e planejamento**

---

<sup>12</sup> Texto revisado por Ana Carolina Ostetto. Formada em Letras-Italiano e atualmente cursando Letras-Português na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é revisora da Revista Perspectiva (UFSC).

Para concretizar o projeto, os estudantes da terceira fase do curso de Pedagogia criaram oficinas diferentes que envolvessem a prática da leitura e escrita em sua função social. Segundo Suely Mello (2008, p. 32), “a escrita deve se tornar uma necessidade para a criança”, e “[...] quando retiramos da escrita sua função social, dificultamos sua apropriação plena pelas crianças” (MELLO, 2012, p. 78).

Nosso objetivo com as oficinas era incentivar as crianças a se tornarem verdadeiras leitoras e produtoras de textos e, para isso, “[...] é necessário que trabalhe profundamente o desejo e o exercício da expressão por meio de diferentes linguagens”. (MELLO, 2006, p. 189).

Escolhidos os temas das oficinas, os estudantes tiveram que fazer um plano de aula com os objetivos, metodologia e os materiais necessários para a realização do projeto. Segundo Libâneo (2009, p. 2-3),

[...] o que ensinar remete à seleção e organização dos conteúdos, [...] ação essa intimamente ligada aos objetivos, gerais ou específicos, que expressam a dimensão de intencionalidade da ação docente, [...] o como ensinar e as condições de ensino e aprendizagem correspondem aos métodos e formas de organização do ensino, em estreita relação com objetivos e conteúdos, estando presentes também, no processo de constituição dos objetos de conhecimento.

O professor Gilson Voloski que, na ocasião, ministrava a disciplina de Didática I, ajudou na confecção e organização dos planos de ensino, além de dar sugestões de como realizar as atividades, organizar o tempo, lidar com as crianças em algumas situações de ensino-aprendizagem e como formular os objetivos das oficinas. Contamos também com auxílio de outros professores para o planejamento.

As primeiras impressões dos estudantes da Universidade a respeito da Escola Beatriz surgiram durante as aulas de Educação e Infância III, quando a professora explicava sobre o espaço físico da Escola, seus projetos e algumas características da comunidade escolar. O primeiro contato efetivo com a instituição ocorreu durante as reuniões de planejamento da semana, nas quais a coordenadora pedagógica da Escola participou.

A Escola localiza-se no bairro Pantanal, em Florianópolis, e foi construída em um morro, por esse motivo, sua estrutura é distribuída em andares. Ao passar a porta de entrada nos deparamos com uma pracinha, e à

esquerda encontra-se o ginásio. As salas de aulas, a coordenação, a secretaria, o refeitório e demais salas estão situadas à direita, como se fossem casas. Na parte de trás da Escola tem um almoxarifado, onde ficam guardados os brinquedos e os materiais que são utilizados em sala. Mais acima se encontra a quadra esportiva da Escola, ao lado tem um espaço bem amplo onde as crianças gostam de brincar.

A comunidade escolar acolheu muito bem os estudantes da Universidade e os ajudaram com o que precisavam. Todos pareciam envolvidos com o Projeto que estava sendo realizado. O corpo docente fez com que os estudantes se sentissem bem, e isso os tranquilizou e incentivou para que desenvolvessem um ótimo trabalho.

### **Apreensão da realidade: oficina história com fantoches**

Na segunda-feira, dia 11 de junho, os estudantes universitários chegaram à Escola e se dirigiram para o auditório para esperarem as crianças. Alguns estudantes da terceira fase formaram uma banda chamada “Banda da Pedagogia”, e apresentaram algumas músicas para as crianças, que pareciam animadas.

Após a recepção, a coordenadora pedagógica chamou os grupos das oficinas, e as crianças deveriam mostrar a Escola aos visitantes. Elas prepararam dobraduras para presentear os estudantes e responsáveis da universidade por desenvolverem atividades na Escola.

Um dos grupos, do qual fiz parte, tinha quatro estudantes da UFSC, responsáveis pela atividade com onze crianças: sendo cinco do 1º ano, quatro do 2º ano, e duas do 3º ano.

Assim que saíram do auditório, as crianças correram em direção à quadra esportiva para mostrar a Escola. Depois passaram pelo almoxarifado de brinquedos e materiais, pela biblioteca e a sala de informática. Um dos meninos disse que a sala de informática era sua parte preferida da Escola. Em seguida, fomos conhecer a sala do diretor e dos professores. No caminho, passamos por um painel feito de pano e com desenhos no qual estava escrito: “Os direitos das crianças para as crianças”. Todos pararam e começaram a ler juntos. Depois, mostraram que alguns dos desenhos do painel tinham sido

feito por eles. Seguimos para a pracinha na entrada da Escola e para o ginásio, lá havia outros grupos brincando, e nós paramos para brincar também, até que lembraram de mostrar a outra pracinha da Escola.

Na hora do recreio, algumas crianças foram lanchar e outras direto brincar, nos assustou um pouco, pois parecia que havíamos “perdido o controle”, mas aos poucos fomos reunindo o grupo que desde o começo mostrou-se com muito entrosamento.

Durante esse dia pudemos conhecer um pouco as crianças e aprender seus nomes. Tivemos um bom entendimento com elas, que desde o princípio nos chamavam de professoras. Elas se deram muito bem como grupo, e acolheram com carinho e respeito uma colega com necessidades especiais, sempre respeitando suas limitações.

Notamos que essa criança com necessidades especiais falava pouco e comunicava-se mais através de gestos. Segundo Vigotsky (2007, p. 13), “[...] as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos”. A criança que porta necessidades especiais se expressa através dos gestos que a preparam para se apropriar da linguagem oral, e também, a escrita: “[...] o gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança, [...] os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados” (VIGOTSKY, 2007, p. 121).

Na hora da saída, conversamos com alguns estudantes da Escola que esperavam seus pais. Eles começaram a perguntar como os grupos tinham sido escolhidos e respondemos que tinha sido a Escola. Um deles disse: “*Ah, a escola que sempre escolhe tudo!*”, e o outro respondeu: “*Mentira, não é não! Não escolhe as roupas que nós usamos*”. Nessa conversa entre eles, ficou claro para nós que a criança ainda não participa ativamente na vida escolar, “[...] num projeto que é feito com elas e não para elas ou por elas.” (MELLO, 2006, p. 185).

No segundo e terceiro dias começaram as oficinas de leitura e escrita. Mello (2012, p. 78) diz que “[...] dependendo da forma como apresentamos a escrita para as crianças, obstaculizamos a formação de um sentido que seja adequado à escrita”. A autora continua dizendo que “o ensino da escrita não pode ser tratado como uma questão técnica; a escrita precisa ser apresentada

a criança como um instrumento cultural complexo, um objeto da cultura que tem uma função social” (MELLO, 2006, p. 183). Procuramos oportunizar na oficina a linguagem escrita de forma significativa para as crianças.

Uma das oficinas tinha como nome “História com fantoches”. A produção partiu da ideia de se trabalhar com a confecção de fantoches. A proposta era para as crianças, que após fazerem os fantoches, criassem uma história com os personagens criados. Os objetivos da oficina eram incentivar a imaginação, criatividade e autonomia, e ainda contribuir para o desenvolvimento motor da criança e desenvolver a habilidade da escrita.

A oficina começou com a apresentação e confecção de crachás de cada membro do grupo. Na hora das crianças escreverem seus nomes, uma delas perguntou se poderia escrever cada letra de uma cor, mostrando que a formalidade e rigidez, marcas da escola tradicional, ainda permanecem.

Logo depois, o grupo de estudantes da universidade fez uma contextualização sobre os fantoches, contando quando e onde eles surgiram. Mostraram uma marionete e imagens de diferentes tipos de fantoches. As crianças começaram a discutir do que eles eram feitos, como se brinca com eles e quais personagens eles lembravam. Nesse momento, reconheci, assim como estudamos, que é importante que a linguagem oral seja incentivada nas escolas, pois ela “é o principal meio de comunicação das crianças”, e “constitui a base da reestruturação dos processos de pensamento da criança [...], forma as bases para a memória, para a estabilização da atenção, para o desenvolvimento da imaginação” (MELLO, 2007, p. 37-38).

Após a discussão, o grupo mostrou os fantoches que as crianças iriam confeccionar. Foram dadas três opções de fantoches: boneca, jacaré ou cavalo. Apenas uma menina que escolheu a boneca, os outros optaram pelo jacaré. Segundo Freitas (2005), “[...] a arte pode ser ‘útil’ para o desenvolvimento de crianças e adolescentes”. A utilização da arte na escola produz conhecimento e resgata a totalidade de dimensões do ser humano.

As crianças começaram a confeccionar os fantoches e logo notaram que eram feitos de materiais reciclados. Eles estavam envolvidos com a atividade e queriam terminar logo para brincarem no palco de fantoches que estava na sala. Enquanto uma das estudantes da UFSC colava a roupa do fantoche de um dos meninos do grupo, ele perguntou para ela: “*Prof., o meu*

*jacaré vai ser para sempre?*”. Respondemos que se ele cuidasse bem, poderia sim ser para sempre. A menina que havia terminado sua boneca foi mostrar para sua mãe que a esperava na porta da sala.

Nesse dia, era aniversário de um dos meninos do grupo. Após o lanche, cantamos parabéns e demos um cartão feito pelos integrantes da Oficina. As crianças estavam muito animadas e guardaram a surpresa. O aniversariante ficou muito feliz e agradeceu a todos.

Todas as atividades programadas para aquele dia foram cumpridas. As crianças comentavam que nem tiveram que escrever nada em seus cadernos, o que nos pareceu ser algo muito diferente para elas.

No segundo dia, as crianças chegaram e foram logo terminar seus fantoches. Quando todos finalizaram, as crianças deram um nome para eles e escreveram em um crachá para ser usado na exposição do dia seguinte. Assim como na produção do dia anterior, as crianças perguntaram se podiam escrever cada letra de uma cor e fazer desenhos em volta do nome. Notamos que uma das crianças parou de escrever no meio da palavra. Quando perguntamos se ela queria mudar o nome do personagem, ela disse que não, e continuou sem escrever. Oferecemos ajuda, e quando chegou à letra ‘Z’ ela parou novamente. Mostramos para ela como a letra ‘Z’ era escrita e, então, ela concluiu a escrita do nome do seu fantoche. Por essa situação, recordamos o que Mello (2006, p. 188) nos diz em um dos seus textos: “[...] a história da aquisição da linguagem escrita é a história da formação e do desenvolvimento do desejo de expressão na criança”.

Fizemos uma roda e perguntamos para as crianças qual história iriam encenar, explicando que deveriam usar os fantoches confeccionados. Dessa forma, decidimos criar uma história, e, para isso, tínhamos a ajuda de um saco mágico. Dentro dele haviam diversos objetos, que fomos sorteando e montando a história. Um de cada vez escrevia o que estava sendo criado em uma cartolina com forma de folha de caderno.

Alguns objetos eram desconhecidos pelas crianças e foi interessante ouvir suas explicações. Quando sortearam uma clava, um dos meninos explicou para o grupo que aquilo era “o que os carinhas de antigamente usavam para se proteger”. Também foi interessante observar que algumas

crianças diziam que não sabiam escrever, mas quando tinham ajuda de um colega ou de uma professora, escreviam sem maiores dificuldades.

A escrita, segundo Vigotsky (2007, p. 98), está na zona de desenvolvimento proximal, e é definida como “[...] aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário”. Escrever sozinha é o nível de desenvolvimento potencial da criança, e é “[...] determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VIGOTSKY, 2007, p. 97).

Terminamos de escrever a história e assinamos. Não tivemos tempo, nesse dia, para encená-la no palco dos fantoches, mas as crianças não ficaram chateadas.

Uma coisa que chamou a nossa atenção durante todos os dias, foi o acolhimento por parte das crianças à criança portadora de necessidades especiais. Em nenhum momento elas riram ou não quiseram ajudá-la. Sempre a esperavam para participar das atividades, e mesmo quando ela batia ou empurrava, compreendiam e não ficavam chateados. Libâneo (2009, p. 16) diz que a escola deve assegurar o direito à semelhança e ao mesmo tempo considerar as diferenças, que devem ser encaradas “[...] como condição concreta do ser humano e das situações educativas, ponto de partida para uma aprendizagem *com sentido* para o sujeito que aprende”. Foi muito bom trabalhar com as diferenças em nosso grupo, contribuiu muito para todos.

Na Escola Beatriz de Souza Britto, as crianças que tem necessidades especiais tem um acompanhante, e em contraste com a atitude das crianças, muitas vezes, eles não sabiam como lidar com a criança, então começava a fazer brincadeiras agitadas que acabavam deixando a sala inteira dispersa. As vezes, precisávamos dele para nos ajudar, mas estava ocupada fazendo outras coisas. A professora responsável pelo nosso grupo também não interferiu nas atividades. Por um lado foi muito bom, pois tivemos a oportunidade de sermos as professoras que desejávamos ser, mas por outro, não sabíamos muito bem como lidar com as crianças nas situações de escrita, e a professora não nos orientou nem deu um retorno se estávamos fazendo da forma mais adequada.

No dia da exposição, exibimos os fantoches e a história das crianças. Como imaginamos que os fantoches iriam chamar a atenção de todos, levamos “sacos de pão” para as outras crianças – visitantes na Oficina – desenharem e fazerem seus próprios fantoches.

A professora do Curso de Pedagogia da UFSC, Lilane Chagas, da disciplina “A linguagem escrita e a criança”, estava bem interessada na oficina e no que havia sido produzido. Uma das crianças do nosso grupo estava no estande aquela hora, e pedimos que explicasse à professora o que foi realizado nos dois dias anteriores. Ela leu a história inteira, e mesmo com os erros que os amigos haviam cometido e os diferentes tipos de letras, ele não parou no meio da leitura, o que impressionou nossa professora. Esse aluno estava apenas no primeiro ano.

Assim como a professora Lilane, outros professores da Universidade estavam presentes na 1ª SAPE, alguns não passaram por todas as oficinas, o que seria importante para nos auxiliar mais de perto e dar uma opinião. Porém, suas presenças nos deram segurança, incentivo e apoio, o que foi essencial para a realização dos projetos.

Na sexta-feira, último dia da 1ª SAPE, aconteceu uma grande e animada festa junina. Um dos meninos do nosso grupo estava muito ansioso para sua mãe chegar, “minha mãe disse que vinha, porque ela não está aqui?!”, de modo que ele só se concentrou na dança quando encontrou seus pais na arquibancada.

Nosso grupo teve a oportunidade de conversar com a mãe deste menino, e ela nos disse que ele sempre chegava em casa animado, contando o que tinha acontecido na Escola, parabenizando pelo trabalho realizado e perguntando se seria só naquela semana que ocorreria a SAPE. Ela continuou dizendo que nós deveríamos fazer esse tipo de atividade mais vezes, pois é muito bom para as crianças. Ficamos muito felizes pelos elogios daquela mãe, por vermos que nosso trabalho contribuiu para a educação e formação de seu filho, e por saber que Universidade, Escola e família estavam unidas no projeto.

Durante a semana, a coordenadora pedagógica veio nos falar que tinha vários estudantes perguntando quando eles iriam levar seus fantoches para casa. Nesse dia, finalmente, reunimos as crianças do nosso grupo para fazer

as entregas dos fantoches e nos despedirmos delas. Cada criança pegou o seu personagem e em seguida fizemos uma roda. Perguntamos se alguém gostaria falar, então uma disse: “Foi muito legal, eu gostei muito dessa semana e de fazer novos amigos”. Percebemos que ela estava um pouco emocionada. O outro disse que seu jacaré tinha gostado muito da hora que colocou seu olho e quando pintou ele. Logo depois, outra criança levantou a mão e disse: “minha parte preferida foi escrever a história”. Em seguida, uma de nós, estudante da Pedagogia, disse que havíamos gostado muito daquela semana, agradeceu elas por deixarem ser professoras naquela semana e que tínhamos aprendido muito com elas. Foi um momento muito especial, no qual ficou claro o vínculo que foi estabelecido entre as crianças e os estudantes.

"Prof., vocês que são a SAPE, né?". A melhor resposta para essa pergunta seria dizer que a SAPE é a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Britto, a UFSC, as crianças, os universitários, os professores, toda a comunidade escolar, as famílias, a leitura e a escrita. Sem um deles, nada do que foi realizado teria sido possível, nada teria se comparado ao que foi.

### **Considerações Finais**

A “1ª Semana de Aproximação *com* Participação *na* Escola” aproximou a teoria e a prática. O contato com a Escola foi intenso e contribuiu para a formação dos acadêmicos de Pedagogia. Os bons resultados foram evidentes, porém, acredito que essa semana deveria ser planejada com mais tempo para não preencher todos os créditos das disciplinas, deixando os conteúdos em segundo plano, correndo o risco de não serem contemplados. Acredito também que a organização na Escola poderia melhorar, pois as crianças às vezes ficavam perdidas, sem saber para onde ir.

Essa semana exigiu a ação prática de conteúdos que pareciam somente teóricos, nos proporcionou um primeiro contato com o planejamento e com a vivência em sala de aula. Quando meu grupo realizava alguma atividade, logo após terminarmos, eu pensava que aquela atividade poderia ser feita de outra maneira, isso contribuiu para ampliar minha visão de como planejar as atividades e de como realizá-las no chão da escola.

A disciplina “A linguagem escrita e a criança” contribuiu muito para essa atividade, pois passamos a ver a aquisição da escrita de outro modo. Estávamos motivados a realizar atividades que desenvolvessem nas crianças a escrita e a leitura em sua função social, com sentido para quem aprende. Porém, acredito que a matéria de alfabetização, que teremos na quarta fase, também contribuiria muito para esse Projeto. Senti-me um pouco insegura quando realizamos a atividade de escrita, pois não sabia muito bem como lidar com a criança que estava se apropriando da linguagem escrita, e essa disciplina nos ajudaria a atuar da melhor forma nas situações de alfabetização.

Acredito que a 1ª SAPE alcançou seus objetivos e contribuiu para a minha formação. Tivemos uma experiência única, que poucos tem a oportunidade de vivenciar. Essa semana nos aproximou da escola e da nossa futura profissão. Muitos de nós confirmamos nossas certezas e tiramos dúvidas sobre o futuro, se essa profissão é a qual realmente queremos seguir, e em qual área gostaríamos de atuar. Como diz Freire (1996, p. 23), “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAS, Joselaine Borgo F. de. Arte é conhecimento, é construção, é expressão. **Revista Digital Art&**, São Paulo, ano 3, n. 3, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-03/trabalhos/09.htm>>. Acesso em 3 Maio 2013.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **A didática e as exigências do processo de escolarização: formação cultural e científica e demandas das práticas socioculturais**. In: Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE), III. **Anais....** Anápolis, GO. 2009. Disponível em: <[http://www.ceped.ueg.br/ocs20/dociiiedipe/texto\\_libaneo\\_iiiedipe.pdf](http://www.ceped.ueg.br/ocs20/dociiiedipe/texto_libaneo_iiiedipe.pdf)> Acesso em: 3 Maio 2013

MELLO, Suely A.. A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: MENDONÇA, Sueli G. L.; MILLER, Stela (org.). **Vigotsky e a**

**Escola Atual:** fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 181-192.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual. In: BISSOLI, Michelle de Freitas (Org). **Fundamentos da Educação Infantil**. Manaus: Cefort/Edua, 2008. p. 26-41.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização na Educação Infantil, ou melhor, formação da atitude leitora e produtora de textos nas crianças pequenas. In: VAZ, Alexandre F.; MOMM, Caroline M. (orgs.). **Educação Infantil e Sociedade:** questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 75-87.

VIGOTSKY, Liev S. **A formação social da mente**. o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 125-145.

## E O CIRCO VAI À ESCOLA!<sup>13</sup>

**Nina Bernal Balconi**

A 1ª Semana de Aproximação com Participação na Escola (1ª SAPE), realizada entre os dias 11 a 15 de junho de 2012, foi uma proposta de aproximação dos alunos da terceira fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com o mundo da docência por meio da participação efetiva na escola, proporcionada pela Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito.

Os acadêmicos expuseram várias de suas ideias e muitas delas ficaram guardadas no seu repertório para outra oportunidade. As oficinas foram as mais diversas, como por exemplo: produção de porta-recados com palitos de picolé, fabricação de *puffs* com garrafas *pet*, contação e releitura da história *A Chapeuzinho Vermelho*, a construção de Malabares.

Nosso grupo ficou responsável pela Oficina de Malabares, que são auxiliares do desenvolvimento motor. A confecção e jogo foram concebidos pelos acadêmicos: Andréa de Vargas Rodrigues, Gustavo Tanus Martins e Nina Bernal Balconi, com a colaboração das acadêmicas volantes Cláudia Teles e Michele de Souza Inocente<sup>14</sup>.

O delineamento dessa proposta surgiu após muitas conversas sobre outros temas e de forma um tanto inusitada. Embora a ideia inicial fosse trabalhar com 'algo novo', ao final do prazo da estruturação da oficina, a decisão foi de trabalhar com a produção de malabares, por meio da confecção de bolinhas e pratos, juntamente com a história circense. Acordamos em elaborar e aprender uma atividade inovadora que fosse levada às crianças de forma sólida e sistemática. Desse modo, a 'Oficina Malabares' veio ao encontro dos anseios dos envolvidos, ainda que esse tema já fosse conhecido pelos estudantes universitários.

---

<sup>13</sup> Texto revisado por Ana Carolina Ostetto. Formada em Letras-Italiano e atualmente cursando Letras-Português na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é revisora da Revista *Perspectiva* (UFSC).

<sup>14</sup> São considerados volantes os alunos matriculados somente em algumas disciplinas da terceira fase e que incorporaram os grupos após o início do planejamento das oficinas.

A proposta inicial dessa Semana, a qual era incentivar a leitura e escrita, foi desenvolvida por meio da arte circense utilizando-se do papel cultural que o circo possui na sociedade. O imaginário popular perpassa as figuras e personagens circenses antigas, difundidas e amplamente conhecidas. É responsabilidade de a escola reconhecer e legitimar essa cultura popular além das culturas eruditas.

O planejamento teve por objetivo oportunizar as crianças: (a) a prática do desenvolvimento motor e artístico; (b) o conhecimento da história circense; (c) a prática da linguagem escrita e oral mediante o registro das atividades desenvolvidas, das conversas informais sobre os personagens e materiais do circo; (d) a produção de materiais para a atividade de malabares e a aprendizagem de brincadeiras com alguns elementos do mundo circense. Tais objetivos só foram possíveis de serem realizados, mediante os vínculos já construídos, ao longo de três anos, pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) – Pedagogia na Escola. Concordamos que

“[...] a presença do outro (um adulto, quase sempre) é veículo para o estabelecimento dos vínculos básicos e essenciais entre criança e mundo social, através dos quais ela passa a se reconhecer e a reconhecer o outro numa relação de reciprocidade” (MIRANDA, 1985, p. 134).

A proposta das oficinas realiza e legitima esse processo de internalização do comportamento social utilizando-se de variadas formas artísticas. Gómez (2000) também ressalta que é papel da escola induzir o sujeito à solidariedade, à colaboração e à experimentação compartilhada; incentivando, também, a busca, a comparação, a crítica, a iniciativa e a criação dos sujeitos.

### **“Vai, vai, vai começar a brincadeira”<sup>15</sup>**

Em meio a uma tarde de clima agradável e com muita expectativa no ar, as crianças da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito foram recebidas pelos alunos do Curso de Pedagogia na parte externa do auditório. Todos, estudantes e professores da UFSC, fizeram um corredor e aclamavam

---

<sup>15</sup> Trecho da música *O circo*, composta por Sidney Miller, interpretada por Nara Leão.

com um 'boa tarde' as turmas que se encaminhavam para a recepção elaborada pela Escola, pelos professores e que foi abrilhantada pela Banda da Pedagogia. Esse clima de receptividade já demonstrava quão rica se mostrariam as atividades daquela semana 'de aproximação com participação'! Destacamos um aspecto: apesar de ter sido combinado que as crianças cantariam junto com a banda a música *Velha Infância*, dos Tribalistas, foi com a *Ciranda da Bailarina*, de Chico Buarque, que o acolhimento aconteceu. Entendemos que as crianças e os acadêmicos selaram o compromisso amistoso de receptividade mútua, de modo que aquela Semana acontecesse de forma amorosa, acolhedora e colorida.

Entre conversas eufóricas e murmúrios ansiosos, os grupos dos acadêmicos de Pedagogia, ali chamados de monitores, e as crianças foram divididos de acordo com suas respectivas oficinas. As crianças mostraram um pouco da Escola aos monitores, e por meio de conversas começamos a nos conhecer e nos 'aproximar'. Foi possível perceber o orgulho e sentimento de pertencimento que as crianças possuem perante a Escola. Como aponta Mello (2006, p. 190), a questão é "[...] permitir à criança exercitar seu papel de protagonista no seu processo de aprender e se tornar um cidadão" e, desta forma, permitir que ela forme uma imagem positiva de si mesma, sentindo-se parte da escola e promovendo seu desenvolvimento humano.

Após a apresentação de cada um, já que as crianças eram de turmas diferentes e, em muitos casos, também não se conheciam, foram ouvidas de modo a darmos chances de escolherem sobre as atividades que seguiriam. Destacamos que "enquanto sujeito da história, a criança tem a possibilidade de recriar seu processo de socialização e através dele interferir na realidade social" (MIRANDA, 1985, p. 131).

Como esperado, a necessidade de brincar logo se manifestou e os jogos foram diversos: pular corda, adivinhar bicho, cabo de guerra e até mesmo um 'passa-anel' – sugestão feita pelos meninos! Aqui, se sustentam as posições de Furlani (2011) e Leite (2011) sobre a equidade de gênero e os benefícios do brincar para a construção da identidade do sujeito. As brincadeiras infantis, afirmam as autoras, promovem, além da aquisição de conhecimento e habilidades, novas formas de socialização e, muitas vezes, ajudam a alterar a 'padronização' vigente relacionada aos papéis

estereotipados do 'menino' e da 'menina' na sociedade. O fato dos meninos proporem uma brincadeira que 'seria de menina' indicam que questões como preconceitos e discriminação foram ou estão sendo trabalhados na formação dessas crianças.

Durante o início do segundo dia, muitas crianças corriam eufóricas procurando suas oficinas. Os monitores, ansiosos e apreensivos, iniciaram suas atividades. A nossa sala foi enfeitada com fitas coloridas e as atividades começaram com uma música sobre o ambiente circense. A intenção foi familiarizar as crianças com o contexto circense e tentar fazê-las lembrar dos conhecimentos anteriores que tinham sobre o circo. Como destaca Gómez (2000), a reconstrução dos conhecimentos e experiências anteriores deve ser um mecanismo de suporte para o ensino-aprendizagem. E foi possível perceber, então, que algumas crianças já tinham um conhecimento considerável sobre o circo e seus personagens. Houve quem dissesse que havia sido convidado, mais de uma vez, para viver em um circo!

Após a conversa sobre a proposta da oficina foram distribuídos crachás em formato de circo, nos quais as crianças escreveram seus nomes. Foi unânime o pedido para colorir e pintar, mas explicamos que essa era uma atividade para outro momento, quando cada estudante já tivesse construído seu próprio conceito do que é um circo. Vale ressaltar que quando isso aconteceu, as crianças já não estavam interessadas nos crachás e mesmo durante os dias de oficinas eles não foram o foco de grande atenção.

No momento em que um dos monitores tirou as bolinhas malabares do bolso e começou a brincar, perguntando se as crianças gostariam de aprender a jogar, foi um verdadeiro alvoroço, e foi maior ainda quando da pergunta 'e aprender a fazer uma bolinha?'. Os comentários foram entusiasmados, mas ao mesmo tempo descrentes quanto conseguir realizar tal tarefa. Entendemos que foram esses sentimentos que proporcionaram o prazer da atividade, pois mesmo as crianças que não acreditavam que seriam capazes de produzir um malabar o fizeram rapidamente, com interesse e comprometimento. Acreditar nas crianças e fazer com que elas acreditem em si mesmas é a chave para o desenvolvimento da autoconfiança e do sujeito.

O próximo passo foi aprender a manipular as três bolinhas e a técnica necessária foi explicada. Algumas crianças conseguiram progredir na

habilidade durante a tarde, outras nem tanto. Porém, nos momentos em que alguém estava mais tímido ou desmotivado, foi dada maior atenção. Sempre acreditando que a criança, como qualquer outro ser humano, é alguém que é capaz de aprender algo novo. A vontade de produzir mais bolinhas do que o número proposto pelos monitores se manifestou em outros momentos da oficina. Assim, ficou evidenciado que a produção do objeto, também um dos objetivos da oficina, despertou maior interesse do que a prática.

A contação de história foi outro recurso utilizado para conhecer um pouco mais do mundo circense. A vontade de olhar as figuras do livro ainda se mostrou necessária nesse grupo e a curiosidade de saber qual figura correspondia a um determinado personagem foi quase unânime entre as crianças. São criações do homem ao longo da humanidade, como forma de acumular conhecimento e expressando-os de diferentes formas, a pintura, a dança, a música e também a linguagem oral e a linguagem escrita.

Como proposta de registro da atividade e para uma possível reprodução dos malabares em outro momento, foi sugerido que as crianças narrassem os procedimentos da produção das bolinhas enquanto um dos monitores anotava no quadro. De acordo com Mello (2006), a escrita representa a fala que, por sua vez, representa a realidade. A experiência da produção dos malabares foi traduzida na fala das crianças e, posteriormente, registrada no caderno com o auxílio do monitor. A escrita é uma forma de registrar “[...] essencialmente sentimentos, informações, experiências vividas e não sons de palavras que representam essas experiências” (MELLO, 2006, p. 183), comprovando, mais uma vez, a importância de que o registro remeta algo que faz sentido para a criança.

Ao serem perguntadas sobre a finalidade e necessidade do registro, algumas crianças responderam “para lembrar depois”, outras disseram “pra que copiar se eu sei fazer a bolinha de cor, tá tudo aqui na minha cabeça”. Tomando como verdade que a escrita é uma forma de expressar sentimentos e ideias, os monitores explicaram sobre a importância da escrita e do registro. Assim, todos copiaram, uns com mais entusiasmo, outros com mais impaciência. Aqui, as atitudes dos monitores foram apoiadas em Mello (2012), quando afirma que ao desenvolver atividades nas quais as crianças percebem a real função da escrita, e que essa é anterior ao ensino da sua técnica,

promove-se a busca da real mensagem do texto ou do registro. Desse modo, reforçamos que a linguagem não é apenas vocabulário ou um grupo de palavras (BRASIL, 1998), ela possui significados relacionados às situações e as interações singulares.

Ainda nessa mesma linha de considerações, é possível afirmar que o sujeito, quando aprende, é ativo no processo. Isso significa que ao desenvolver e descrever a produção dos malabares, a criança foi sujeito no processo de aprendizagem e conhecimento, e assim, relacionou -se com os objetos e o meio, atribuindo sentido à sua ação e àquilo que aprendeu. Isso pode ser construído de forma que a criança interprete ou se expresse com um tipo de linguagem de sua compreensão. Portanto, a criança é considerada construtora do seu conhecimento e não somente receptora e detentora das informações passadas, reconhecendo-se “[...] uma transformação substancial na forma de compreender como elas aprendem a falar, a ler e a escrever” (BRASIL, 1998, p. 120). Conforme tal perspectiva, o monitor, como *escriba*, transcreveu no quadro a narração das instruções para a produção dos malabares dadas pelas crianças que, então, copiaram a própria descrição.

Entusiasmadas, elas queriam levar para casa seus malabares, embora houvesse um acordo prévio de que receberiam os materiais produzidos no último dia da oficina. Isso não foi aceito de imediato e alguns relutaram em deixar suas bolinhas na escola, porém, ao final concordaram.

O terceiro dia começou com uma demonstração de estilos de circo existentes. Foram mostrados alguns vídeos da companhia *Cirque du Soleil* relacionados às atividades de malabarismo. As crianças ficaram impressionadas com as habilidades dos artistas e fizeram comentários sobre a dificuldade e beleza dessa arte. A visita do Doutor Pimenta, personagem de um dos monitores da oficina, foi a grande surpresa do dia. As crianças se encantaram e com perspicácia sugeriram que o Dr. Pimenta era o próprio monitor que não estava na sala naquele momento. Esse explicou que havia enganado de sala e que estava atrasado para suas consultas no hospital, mas que poderia ficar ali alguns minutos e contar a história de sua vida. Cada criança ganhou um nariz de palhaço encantando que ‘leva todas as tristezas do mundo embora’. O palhaço explicou a história do malabar do tipo ‘prato’ e a

sua finalidade 'de encantar o ambiente com carinho, afeto e amor'. Isto está de acordo com a afirmação de Mello (2006, p. 181-182) de que as

[...] atividades de expressão como o desenho, a pintura, a brincadeira de faz-de-conta, a modelagem, a construção, a dança a poesia e a própria fala [...] são essenciais para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança, além de serem fundamentais para a apropriação efetiva da escrita.

Quando o 'médico-palhaço' se retirou, os outros monitores começaram a produção do prato com as crianças. A proposta inicial era que cada um colorisse e pintasse seu próprio 'prato do amor', para que, como disse uma criança, fosse possível "*espalhar muito amor por onde a gente for*". Todos se animaram e com os lápis emprestados dos colegas, a atividade foi prazerosa e calma. Ao lembrar que uma das monitoras era a cantora da Banda da Pedagogia, as crianças pediram que todos cantassem algumas músicas juntos. Assim, estabeleceu-se um clima de serenidade e confiança, as conversas desenrolaram em torno do cotidiano de cada um: número de irmãos, o que fazem depois das aulas, onde moram, entre outros assuntos.

Enquanto uns copiaram os desenhos dos pratos que já estavam prontos, outros precisaram de ajuda para se concentrar no trabalho. Um aluno, um pouco disperso, precisou de mais atenção para finalizar seu trabalho. Outro decidiu que não queria pintar o prato todo, alegando que já tinha acabado, mas quando indagado se realmente estava pronto respondeu: "É que eu não quero mais pintar". Entendemos aquilo como um ato de autonomia e o deixamos descansando no colchonete.

Foi possível perceber um novo entendimento a respeito dos registros, ao considerar a afirmação de que a escrita, muitas vezes, "[...] não expressa informação, ideia ou desejo pessoal de comunicação ou expressão" (MELLO, 2006, p. 81), quando o estudante mais novo, que no primeiro dia havia dito que não sabia escrever, "só copiar", mostrou destreza e habilidade e decidiu que, ao invés de desenhar, escreveria os nomes dos monitores em seu prato, com nosso auxílio. De certa forma, mudamos juntos o rumo dessa história.

Quase todos tiveram sucesso ao equilibrar os pratos pela primeira vez. Alguns precisaram de mais atenção, outros de uma conversa sobre paciência e persistência, mas ao final estavam girando seus pratos e espalhando amor! Como ocorreu no primeiro dia, alguns alunos solicitaram para ficar na sala

durante o horário do recreio para treinar, mas foi explicado que aquele era o momento de brincar com outras coisas.

Após o lanche houve outra contação de história referente a um tema circense, que proporcionou um momento de relaxamento ao grupo, pois a oficina trazia muita agitação, algumas vezes pela própria dinâmica e outras pelas características dos monitores.

A conversa posterior à história evidenciou a criatividade das crianças e o entendimento que elas tiveram das situações vividas naqueles dois dias, corroborando com as ideias de Mello (2006) de que o processo de apropriação da escrita pode ser favorecido quando é permitido à criança contar suas histórias, relatar acontecimentos e fazer observações sobre as ações individuais e coletivas. Tais aspectos foram observados durante a conversa com as crianças sobre quem já conhecia o circo, o que elas conheciam dele, nos relatos sobre as atividades, na presença do Dr. Pimenta, nos momentos de descontração e, ainda, nas falas sobre suas vidas familiares.

Para finalizar o processo de criação dos malabares foram produzidos e trazidos pelos monitores aparelhos circenses para incrementar a proposta seguinte: brincar de circo. As crianças adoraram as fitas de ginástica, a gangorra de pé, os pés-de-lata e todos se caracterizaram com roupas e fantasias. Havia sobrado material para a confecção de mais bolinhas e a proposta de produção chamou a atenção de uma parte do grupo. Foi um fechamento de oficina maravilhoso, com muita alegria e entusiasmo.

Entendemos que a brincadeira circense relaciona-se com o processo da aprendizagem da linguagem, pois Vigotsky (1991) afirma que o brincar possui fundamental função simbólica no desenvolvimento da linguagem escrita. Assim, a utilização de brinquedos, e aparelhos circenses, possibilitou a representação de gestos e situações de faz-de-conta, nas quais as crianças indicaram e falaram os significados dos objetos usados, como por exemplo, na caracterização dos personagens circenses por meio de fantasias, o equilíbrio do malabarista por meio de uma corda no chão e a representação dos palhaços com pernas de pau por meio dos pés-de-lata.

Para o quarto dia de atividades na escola, foi planejada a visita de todas as crianças a todas as oficinas da SAPE. A sala-circo foi refeita para acolher melhor, expor os materiais produzidos e oportunizar uma atmosfera

circense. Os grupos de crianças foram chegando cada um em seu horário: as vezes com mais tempo, outros em um piscar de olhos. Durante a visita alguns acontecimentos prejudicaram o planejamento dos monitores para a exposição dos materiais produzidos: enquanto um grupo tinha acabado de entrar, já havia outro esperando ansioso. A quantidade de crianças por grupo também influenciou na atenção que os monitores tinham se proposto a dar a cada grupo, como também nas explicações sobre a montagem dos materiais. Os alunos participantes da 'Oficina Malabares' mostraram-se orgulhosos e capazes de ensinar aos colegas os truques aprendidos na oficina. Todas as crianças visitantes ficavam animadas com os aparelhos circenses, principalmente o prato. Mas, o pé-de-lata também fez sucesso!

O último dia de atividades foi reservado para a visita dos pais nas oficinas e para uma grande festa junina de confraternização da Escola Beatriz de Souza Britto. Parte dos monitores se caracterizou com roupas típicas e a Escola providenciou fantasia para as crianças que não as possuíam. Houve um lanche típico coletivo muito apreciado e, logo após, todos foram para a quadra, onde a música vibrante já esperava os pares para dançar a quadrilha. A fila para dançar não parecia ter fim: eram tantos pares que dois túneis foram formados para que todos pudessem brincar. A 'grande' roda ocupou a quadra inteira! Alguns pais participaram, outros só assistiram. As crianças da "Oficina Malabares" estavam muito felizes, e até as mais tímidas dançaram a quadrilha com animação. Ao final da festa, as crianças voltaram para a sala da oficina e houve o momento de despedida com a entrega dos materiais elaborados. Foram embora felizes e alegres com a conquista dos novos conhecimentos e, segundo nossa avaliação, capazes de ensinar o que aprenderam.

### **Considerações Finais**

Desde o início, a proposta de realização da 1ª SAPE mobilizou os estudantes da terceira fase do curso de Pedagogia. Acharmos a ideia maravilhosa, motivadora e desafiadora. Os acadêmicos e professores estavam engajados e toda a Escola Beatriz de Souza Britto também: porteiro, merendeira, direção e, principalmente, as crianças. Muita vontade e poucos contratemplos, se é que houve algum.

Os objetivos da 1ª SAPE foram alcançados mediante essa oficina, desenvolveu-se as linguagens oral, escrita e gestual, oportunizando o trabalho manual, artístico e as relações dentro do grupo. Está em consonância com o que diz Cardoso (2004, p. 118), “o homem novo deveria poder ser dotado de múltiplas aptidões, tanto manuais quanto intelectuais e este deveria ser o objetivo das práticas educativas”. Desse modo, as oficinas tiveram a responsabilidade, além de contribuir com a formação de leitores e escritores, de desenvolver habilidades artísticas, conhecimento de outras culturas e, assim, exercitar a capacidade crítica do sujeito.

Para os estudantes do curso de Pedagogia essa experiência na Escola foi um grande diferencial na formação. É por meio da prática que podemos relacionar as teorias com a vida escolar, entender melhor o que é ser professor e desde o começo nos familiarizar com a docência. Assim sendo, voltaremos para a sala de aula com uma visão mais realista e, ao mesmo tempo, motivadora do processo de ensino-aprendizagem.

Então, “resistir, abrir o espírito, instruir-se, recusando os simplismos, a massificação, abrir-se para o novo, buscar fazer de outro modo” (CARDOSO, 2004, p. 124), são palavras tocantes e profundamente instigantes para nós, professores em formação. E a 1ª SAPE além de contribuir e incentivar a formação das crianças da Escola Beatriz de Souza Britto, contribuiu com a nossa formação como sujeitos e professores, principalmente, pois essa ‘aproximação com participação’ foi concebida com o coração aberto, a alma comprometida e espírito pleno.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Conhecimento de Mundo Linguagem Oral e Escrita. In: \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. p.117-157.

CARDOSO, Miriam L. Questões sobre educação. In: GOULART, Cecília (org). **Dimensões e horizontes da Educação no Brasil: ensaios em homenagem a Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero**. Niterói: EdUFF. 2004. p. 107-125.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PEREZ GOMÉZ, Angel I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. GIMENO SACRISTÁN, José; PEREZ GOMÉZ, Angel I. (orgs). **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000 p.119-148.

LEITE, Amanda Maurício P Educação, gênero e sexualidade entreolhares e problematizações. In: LEITE, Amanda Maurício Pereira; ROSA, Rogério Machado (Org.). **Módulo 3**: educação, escola e violência. Florianópolis: Nuvic/CED/UFSC, 2011.

MELLO, Suely A. A aproximação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: **Vigotsky e a Escola Atual**: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 181-192.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização na Educação Infantil, ou melhor, formação da atitude leitora e produtora de textos nas crianças pequenas. In: FERNANDEZ, Alexandre; MOMM, Caroline Machado (Org.). **Educação Infantil e sociedade**: questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 75-87.

MIRANDA, Marília Gouvêa. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Silva T. M.; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985. p. 125-135.

VYGOTSKI, Liev S. A pré-história da linguagem escrita. In: VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 119-136.

*Recebido em: 05/06/2013*

*Aprovado em: 20/06/2013*